

**As Questões Mediáticas
em volta do Povo Curdo na Turquia:
Uma análise comparativa da imprensa interna e externa
da Turquia**

**Kaori Imai
(32056)**

**Dissertação Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização do Estudo
do Jornalismo e dos Media**

Abril 2012

As Questões Mediáticas
em volta do Povo Curdo na Turquia:
Uma análise comparativa da imprensa interna e externa
da Turquia

Kaori Imai

32056

Dissertação Mestrado em Ciências da Comunicação,
Área de Especialização do Estudo
do Jornalismo e dos Media

Abril 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação, Área de Especialização dos Estudos do Jornalismo e dos Media, realizada sob a orientação científica de Doutor Professor Jacinto Godinho.

AGRADECIMENTOS

Esta tese de Mestrado não estaria concluída sem o apoio do Professor Doutor Jacinto Godinho, e dos meus caros amigos, Susana Rôla, Luís Rôla e Giulio Francesco Piccinini. Foi percorrido um longo caminho durante 2 anos para cumprir o curso de Mestrado, e graças ao grande apoio dos professores da Universidade Nova de Lisboa e dos meus amigos/colegas, foi possível estudar e efectuar as investigações. O que aprendi durante o Mestrado dar-me-á a força e a motivação para atingir o meu objectivo profissional.

As Questões Mediáticas em volta do Povo Curdo na Turquia:

Uma análise comparativa da imprensa interna e externa da Turquia

RESUMO:

Mustafa Kemal Atatürk, o fundador da República da Turquia, tomou posse no dia de 29 de outubro de 1923. A Turquia tornou-se então um país de um povo único - os turcos. A partir de essa altura, as minorias que viviam na Turquia, sobretudo os curdos, foram proibidas de falar a suas línguas originais, de valorizar a sua cultura e de exprimir a suas identidades. Desnecessário será dizer que os *media* foram o primeiro alvo da censura do governo turco. Há vários estudos sobre a questão política e dos direitos humanos do povo curdo, no entanto, a questão da censura no campo mediático nunca foi suficientemente estudada até aos dias de hoje.

Actualmente a Turquia tenta mostrar-se como um país democrático e laico para se aproximar da entrada na União Europeia. No dia de 1 de Janeiro de 2009, a televisão nacional turca, *TRT (Türkiye Radyo Televizyon)* iniciou a transmissão de programas em língua curda e em língua zaza que são as línguas das minorias que existem na Turquia¹. O governo actual está a admitir, bem como a comunidade internacional, a existência do povo curdo e a das suas culturas.

Todavia, ainda sabemos que as publicações que ousam referir as questões curdas poderiam ser alvos de processos judiciais e mesmo detenções prisionais. Quase todos os dias, vemos na televisão ou lemos jornais que as forças armadas turcas combatem contra as organizações chamadas “terroristas”. Os jornalistas continuam a empregar termos que podem suscitar a parcialidade e provocar preconceito, no público leitor, em relação às questões curdas. Numerosos cidadãos turcos tendem de considerar que todos os curdos são terroristas, os seja, como se fossem todos do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), ignorando o facto que cada curdo pode ter diferentes ideias políticas. Considerando esta situação, gostaríamos de analisar se a retórica utilizada pelos *media* pode influenciar o conflito étnico e ter efeitos na discriminação entre a população contra as minorias. Procurando compreender mais

sobre este problema na Turquia, esta investigação examinará a forma como o povo curdo é tratado nos *media* turcos, verificando qual tipo de censura existente e como podem os leitores ter acesso às informações equilibradas.

A metodologia a utilizar nesta pesquisa baseia-se na comparação entre as notícias publicadas, na internet, pelos *media* de maior expansão entre a população turca e curda. O objectivo desta comparação será esclarecer as características dos *media* turcos e curdos mas também compreender o tanto o grau de isenção como o grau de parcialidade de cada um dos casos. A retórica utilizada será analisada, tomando em consideração os estudos e o conceito de chamado “Jornalismo de Paz”. Verificar-se-á, através dos métodos da análise de conteúdo do *Discurso de Media*, o tipo de narratologia utilizado na produção das notícias. Para legitimar os resultados obtidos, faremos uma pesquisa exaustiva das notícias publicadas entre o mês de Janeiro e o mês de Agosto 2011 nos jornais acima referidos.

PALAVRAS-CHAVE:

Povo curdo, curdos, parcialidade, jornalismo de paz, Turquia, retórica.

**Actuality of Journalism in Turkey concerning Kurdish People:
Comparative analysis of internal and external *media* in Turkey**

Kaori Imai

ABSTRACT:

Mustafa Kemal Atatürk, the founder of the Republic of Turkey, took office on the 29th of October, 1923. Since then, Turkey became a country of a unique ethnicity – *Turks*. The minorities who had lived in the country, especially Kurdish people, were deprived of the rights to speak their mother tongues, to appreciate their culture and to express their own identities. It is needless to say that the *media* became the first target of the censorship by the Turkish government. There are various studies on the political and human rights issue of Kurdish people. However, little study on the censorship of the *media* in Turkey concerning Kurds has been carried out until today.

The Turkish government has been promoting their country as a democratic and laic state in order to approach to the participation in the European Union. On the 1st of January, 2009, the Turkish national television, *TRT*, started the broadcasting in Kurdish and Zaza, which are the languages of the minorities living in the country². The current government is required to admit, from the international community, the existence of Kurdish people and their culture.

However, it is still known that the publications that refer to the Kurdish issues might be the subject of a prosecution from the Turkish authorities and even an imprisonment. Almost every single day, the television and newspapers show us the Turkish army fighting against the organizations that they call “terrorist”. The Turkish journalists continue to employ the terms that can arouse the partiality and provoke prejudice among the public, regarding the Kurdish issues. Countless Turkish citizens tend to consider Kurds as terrorists, in other words, a part of the Kurdistan Workers' Party (PKK), ignoring the fact that each Kurd can have different political ideas. Taking this situation into consideration, this study aim to analyse if the rhetoric used in the *media* can deteriorate the ethnic conflict between the Turkish authorities and Kurdish

people and increase the discrimination among the population against the minorities. Searching to find a solution to this long-lasting problem in Turkey, the present investigation will examine how Kurdish people are treated in the Turkish *media*, verifying which kind of censorship exists and the readers of these *media* can have access to the impartial information.

The methodology employed in this research is based on the comparison of published journalistic articles of the major Turkish and Kurdish *media*. The objective of this comparison is to clarify the characteristics of both *media* and to understand their level of partiality. The rhetoric used is also focused on, considering the studies and the concept of "Peace Journalism". Through the methods of contents analysis of the *media*, which the type of the narration used in the news production will be examined. In order to concentrate on the analysis of certain news contents, only the news published between January and August, 2011, will be the subjects of the investigation.

KEYWORDS:

Kurdish, Kurds, partiality, peace journalism, Turkey, rhetoric.

ÍNDICE

Parte I: Introdução.....	11
I. 1. A Turquia depois da Fundação da República e as Minorias.....	11
I. 2. O Maior Povo Minoritário: os Curdos	12
I. 3. A Situação dos <i>Media</i> Turcos sobre os Curdos	15
I. 4. Objectivos da Pesquisa	17
I. 5. Metodologia.....	18
I. 6. Jornalismo de Paz	20
Parte II: Análise dos Artigos Jornalísticos Turcos.....	22
II. 1. As Características das Notícias Turcas Analisadas	22
II. 2. Os <i>Media</i>	23
II. 2. 1. As mudanças nos <i>media</i> turcos.....	23
II. 2. 2. Sondagem: o que acham sobre os curdos?	23
II. 2. 3. As percepções dos leitores dos maiores jornais.....	25
II. 2. 4. Ainda há censuras	27
II. 3. As Línguas e Identidades	31
II. 3. 1. Proibição das línguas curdas.....	31
II. 3. 2. Língua no ensino	31
II. 3. 3. Ainda mais de oposição como língua oficial	32
II. 3. 4. O progresso na admissão das identidades das minorias.....	34
II. 4. A Política.....	35
II. 4. 1. Identidades para a ferramenta política	35
II. 4. 2. Críticas indirectas	37
II. 4. 3. Tática ambíguas.....	41
II. 5. O Conflictu.	43

II. 5. 1. A tendência agressiva	43
II. 5. 2. Falta de fundo e criação de “inimigo”	45
II. 6. Observações sobre os <i>Media</i> Turcos.	47
Parte III: Análise da Situação Mediática à volta dos Curdos	51
III. 1. Os <i>Media</i> Curdos Analisados	51
III. 2. O Jornalismo Curdo na Turquia e os Factos não Conhecidos.	52
III. 2. 1. O jornalismo curdo sem liberdade de expressão	52
III. 2. 2. As detenções e sentenças continuadas	53
III. 2. 3. Os jornalistas arriscam a vida	54
III. 2. 4. A censura oficial do governo turco	56
III. 3. O que os <i>Media</i> Curdos Fornecem?	57
III. 3. 1. As informações escondidas	57
III. 3. 2. Os <i>media</i> curdos procuram a paz?	58
Parte IV: Conclusões e Discussões	60
Referências	63
Bibliografia	71
Glossário.....	75
Lista de Figuras e de Tabelas	76

Parte I. Introdução

I. 1. A Turquia depois da Fundação da República e as Minorias

Mustafa Kemal Atatürk, o fundador da República da Turquia, tomou posse no dia 29 de outubro de 1923. A Turquia tornou-se então um país de um povo único - os turcos. A partir de essa altura, as minorias que viviam na Turquia, sobretudo os curdos foram proibidas de falar as suas línguas originais, de valorizar as suas culturas e de exprimir as suas identidades. Dentro do país, existem diversas minorias, tal como os curdos, arménios, árabes, georgianos, çerkezes ou assírios (Kojima, 1991; 32)³. Entre essas minorias, a presença dos curdos é muito significativa: vivem na Turquia 25 milhões de curdos (AP, 2008)⁴, o que representa mais de 30% da população da Turquia. Depois da fundação da República da Turquia, o governo de Atatürk esperava que todos os cidadãos ficassem felizes de ser o povo “turco”: a frase mais famosa do Atatürk, “Quão feliz é aquele que diz que sou turco”, que está escrita nas escolas e às vezes em lugares públicos, demonstra quanto o governo dá importância a que todos os cidadãos tenham a identidade turca. As crianças nas escolas primárias têm que recitar, todos os dias, “A Nossa Promessa (*Andımız*)” que diz: “Sou turco, sou honesto, sou trabalhador. A minha existência tem que ser dedicada à existência turca”⁵ (Radical, 2005).

Até nos anos 90, o governo turco não admitia a existência do povo curdo. Chamava-lhes “os turcos de montanha”. Estes podiam arriscar a vida ao dizer “Não sou turco. Sou curdo” (Kojima, 1991;60)⁶. Desnecessário será dizer que as expressões mediáticas foram o primeiro alvo da censura do governo turco assim como a utilização das línguas curdas (Matsuura, 2003;116)⁷.

Hoje, a situação na Turquia não parece tão severa como a dos anos 80-90 quando o governo turco utilizou mais a força armada como forma de repressão. Nesta altura não se permitia ouvir a palavra “curdo”.

Actualmente, a Turquia tenta mostrar-se como um país democrático e laico para se aproximar da entrada na União Europeia e conseguir a adesão. De facto, hoje em dia, dizer a palavra “curdo” já é coisa permitida ainda que suscite uma grande

curiosidade das pessoas em volta a se seja olhado como alguém interessado num argumento perigoso. Podemos falar dos curdos mas com cautela. No entanto, a palavra “Curdistão (a terra dos curdos)” quase nunca pode ser pronunciada junto do público porque isto significa admitir a existência do território do povo curdo.

Muitas pessoas na Turquia consideram os curdos como “terroristas”, ligando-os ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) mas, aos poucos, a maioria do povo turco parece começar a admitir a existência dos curdos. Admite-se que os problemas com os curdos têm que ser resolvidos também para o benefício de todos os turcos. O governo actual liderado pelo Partido da Justiça e Desenvolvimento (Partido AK) anunciou a “Iniciativa Curda” em 2009, que apontava para “a resolução das questões curdas e melhoria dos direitos políticos e culturais dos curdos na Turquia”⁸. Além disso, depois da eleição, em Junho de 2011, o primeiro-ministro turco Recep Tayyip Erdoğan que pertence ao partido AK prometeu a criação de uma nova Constituição inserindo o reconhecimento da identidade do povo curdo.

Digamos que a questão curda não é mais argumento “tabú” na Turquia e é essencial que seja resolvida também para o povo turco. No entanto existem ainda muitas hesitações e vozes de oposição dentro do país.

Nos capítulos seguintes desta dissertação revelaremos como a situação é tratada ao nível dos *media* e do jornalismo.

I. 2. O Maior Povo Minoritário na Turquia: os Curdos

Em seguida apresentaremos alguns conhecimentos essenciais, para se compreender melhor a situação dos curdos que vivem na Turquia. O povo curdo existe em 5 países: no nordeste da Síria; nordeste do Iraque; oeste da Irão; em volta da capital da Arménia e no sudeste da Turquia. A Turquia é o país onde vivem mais curdos. A população curda é constituída por 11.4 milhões de pessoas (*Milliyet*, 2008)⁹. Segunda o World Factbook da CIA (Central Intelligence Agency) e um instituto de investigação Turca - *KONDA*, os curdos e o povo zaza consistuem cerca de 20 % da população turca (*KONDA*, 2011; 19)¹⁰. 14,8 % dos habitantes da maior cidade turca,

Istambul, são os curdos. Na Turquia os curdos vivem principalmente nas regiões a sudeste, em cidade como Diyarbakır, Van, Mardin, etc. A Figura 1 apresenta a distribuição do povo curdo na Turquia.

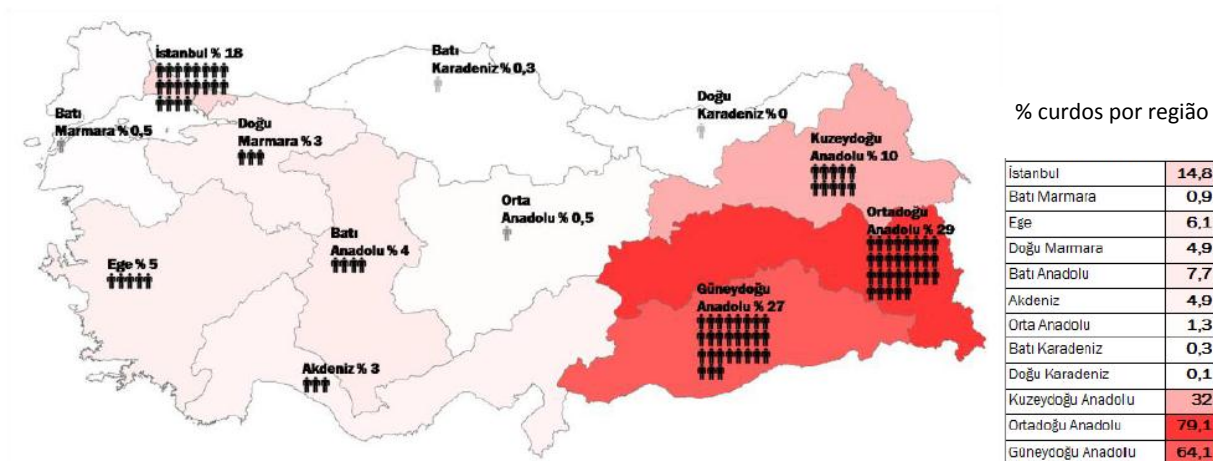


Figura 1. Distribuição da população curda por região (Fonte: KONDA, 2010)

Em geral, os turcos têm um período de ensino mais longo em comparação com os curdos. Segundo o estudo da KONDA, os jovens turcos têm hoje em *media*, 8,1 anos de educação (da escola primária até à licenciatura ou mais). Pelo contrário, os jovens curdos têm apenas seis anos em *media*. Metade das escolas nas regiões foi fechada entre 1985-1995 pelas autoridades¹¹. Esta situação deveu-se à instabilidade nas regiões curdas até os anos mais recentes, acrescida das dificuldades económicas por estas populações estarem longe dos mercados e da discriminação e repressão exercida pelas autoridades. A Figura 2 indica a taxa de analfabetismo na população em cada região turca. Nas regiões onde os curdos vivem prevê-se, no futuro, a taxa mais alta de analfabetismo, 17-30%.

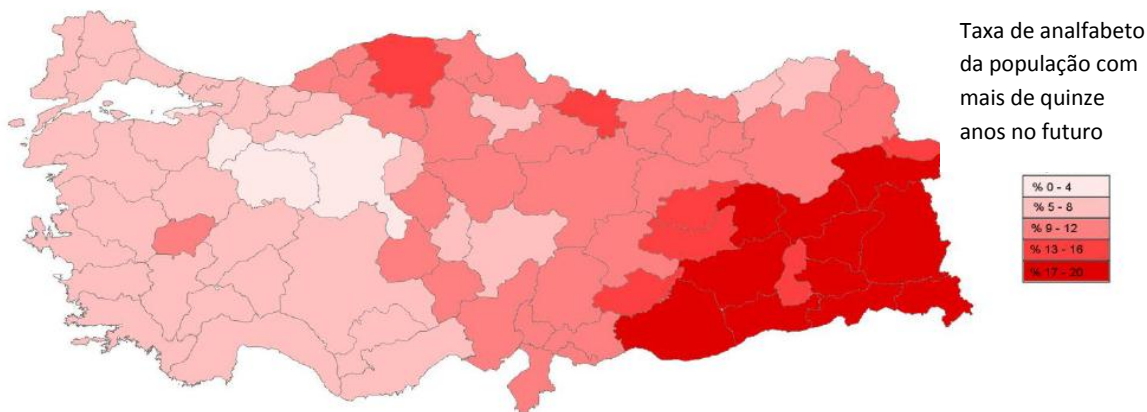


Figura 2. Taxa de analfabetismo previsto no futuro (Fonte: ADNKS, 2009)

Como podemos calcular, o nível de ensino tem uma grande influência no rendimento individual. Na tabela seguinte, verificamos que mais de metade da população curda vive com o salário mínimo.

Rendimento por pessoa (Unidade: TRY)		
	Turco	Curdo
Mais de 64 TRY/pessoa/mês	4,0	23,4
65-138 TRY/pessoa/mês	15,1	29,4
139-276 TRY/pessoa/mês	37,9	27,5
277-500 TRY/pessoa/mês	26,6	12,9
Mais de 500 TRY/pessoa/mês	16,4	6,8
Total	100,0	100,0

Tabela 1. Rendimento individual por mês (Fonte: KONDA, 2011)

Uma Lira turca é igual 0,43 Euro (20 de Fevereiro de 2012).

A capital Ancara e a costa ocidental, incluindo a maior cidade do país, Istambul, têm uma grande diferença económica, comparando com outras regiões. Nas regiões do sudeste onde a população curda é dominante, o nível de vida é muito baixo. Lendo a Tabela 1 vemos que mais de metade dos curdos vivem com menos de dois euros por dia. Com um nível de vida baixo os curdos não têm muitas oportunidades de completar

o ensino secundário. Por esta razão, é-lhes mais difícil terem a possibilidade de entrar na política e terem uma posição social importante¹².

O povo curdo não tem apenas uma língua. Os curdos usam diversas línguas, dependendo da região, e não podem comunicar-se nessas línguas. Segundo o relatório de *KONDA*, 13 % da população na Turquia usa as línguas curdas como língua materna (*KONDA*, 2010; 19)¹³. Por exemplo, a língua curmânji é falada na Turquia, na Síria, no norte do Iraque e no norte-ocidente do Irão. A língua sorâni é usada no leste do Iraque e no ocidente do Irão. Os falantes destas duas línguas não se entendem. Outra língua considerada como a língua dos curdos é a língua zaza. A língua zaza é falada nas várias regiões onde os curdos vivem. Na Turquia usa-se especialmente no sudeste do país. Dentro do país, esta língua é considerada como um dialecto curdo mas, na realidade, é a língua de uma outra família linguística (Kojima, 1991; 65)¹⁴. Na Turquia, essas línguas minoritárias (que o governo turco interpreta como pertencendo à língua “curda”) são proibidas no ensino mas, a transmissão e a publicação nas línguas do povo curdo¹⁵ é parcialmente permitida. Esta questão será apresentada com mais detalhe nos capítulos seguintes.

I. 3. A Situação dos *Media* na Turquia sobre os Curdos

No dia 1 de Janeiro de 2009, a televisão estatal turca, através do canal *TRT 6, TRT (Türkiye Radyo Televizyon)* iniciou a transmissão de programas em língua curda (dialectos curmânji e sorâni) e em língua zaza que são as línguas das minorias que existem na Turquia (*TRT*, 2008)¹⁶. Também existe uma emissão em curdo, a *Dünya TV*, produzida por uma empresa privada turca, *Samanyolu Yayın Grubu*, que se iniciou no mês de Junho de 2010 (*Dünya TV*, 2010)¹⁷.

No entanto, as transmissões são limitadas a um programa de notícias e a alguns programas culturais e entretenimento. Na Turquia, sabe-se que as publicações que ousam referir as questões políticas dos curdos e que têm uma tendência de proteger a identidade do povo curdo são alvos de processos judiciais e podem mesmo existir detenções prisionais (Kojima, 1991; 60)¹⁸. Quase todos os dias durante a nossa estadia

na Turquia, no verão 2011, via-se na televisão ou lia-se nos jornais que as forças armadas turcas combatiam contra os “terroristas”, referindo-se indiretamente aos curdos. As televisões turcas mostravam as imagens radicais e chocantes dos combates da força armada nacional e as notícias apenas elogiavam os soldados turcos mortos nas lutas contra os “terroristas”.

Apesar de estarmos longe dos anos 80, actualmente, já se ouve a palavra “curdo” nas notícias, o que significa, pelo menos, admitir da existência do povo curdo pelos *media* turcos. Todavia, os jornalistas continuam a empregar termos que podem suscitar a parcialidade e provocar preconceito no público leitor em relação à questão curda. Na Turquia, a maioria das pessoas tem muitos preconceitos contra as minorias porque é influenciada pelas informações difundidas pelos *media* da Turquia. Os turcos que têm ideias negativas sobre as minorias tendem a considerar que todos os curdos são separatistas e querem a independência ou autonomia ignorando o facto de o povo curdo poder ter diferentes ideias políticas.

Mas, mesmo querendo noticiar e falar sobre os curdos, os jornalistas, investigadores ou entidades públicas têm medo de fazê-lo. Concordar com os curdos ou apreciar a cultura curda significa arriscar a vida ou a reputação. Mesmo assim há quem o faça. Por exemplo, um sociólogo turco, citado por Kojima, que publicou um estudo sobre o povo curdo, no qual é referido que a língua curda e a etnia curda não são originárias do povo turco, foi preso¹⁹²⁰. Outra história famosa é a de um cantor de origem curda, Iblahim Tatlıses que cantou usando uma língua curda num concerto realizado na Suécia e foi condenado por alta traição²¹. Recentemente, este cantor, famoso no Médio Oriente, foi alvejado por um desconhecido no dia 12 de Março de 2011. Ibrahim Tatlıses já tinha sido também atacado em 1990 e em 1998. Segundo uma análise realizada pelo jornal *Kaliteli Hayat*,²² o cantor pôde ser alvo de diversos ataques porque estava interessado no desenvolvimento da região onde os vivem curdos. Tatlıses foi hospitalizado e sofreu uma intervenção cirúrgica que salvou a sua vida.

Estes exemplos representam apenas uma ínfima parte de eventos similares que aconteceram por toda a Turquia. Ao certo não podemos saber o que os turcos pensam, realmente, sobre as questões curdas, por causa das censuras e das restrições

diretas e indiretas. Podemos sim afirmar que a sociedade turca não tem ainda condições para que todas as pessoas possam exprimir-se sobre os problemas do país.

I. 4. Objectivos da Pesquisa

Sobre a repressão das minorias na Turquia e as suas questões políticas/humanitárias, existem vários estudos. No entanto, a questão da censura no campo mediático/jornalístico nunca foi suficientemente estudada até aos dias de hoje.

Considerando o quadro enunciado nas seções anteriores, gostaríamos analisar os conteúdos de artigos jornalísticos nos *media* turcos, mas restringindo-nos apenas aos jornais e às agências de imprensa. Este estudo visa a retórica utilizada pelos *media* e analisa diversos artigos jornalísticos. Os objectivos desta pesquisa passam por analisar as palavras usadas nos textos e depois procurar compreender qual a abordagem que seguem os autores e quais os elementos retóricos usados que podem influenciar o conflito étnico e ter efeitos nos estigmas entre a população turca contra as minorias. Procurando encontrar um quadro de respostas para esse problema na Turquia, a presente investigação examinará a forma como o governo turco poderia tentar encontrar um ponto de reconciliação com os curdos. Também, iremos verificar como se podem pensar as alternativas que existem para os *media* turcos poderem melhorar a independência no seu discurso e a liberdade de expressão das minorias.

Ao mesmo tempo, os artigos nos jornais curdos serão analisados para compreender as vozes do povo curdo dentro da Turquia. Ao fazer isto, poderemos verificar até que ponto foram evoluindo e alcançando patamares para fazer ouvir a suas opiniões, procurando apresentar sugestões para uma negociação pacífica e não apenas queixando-se do facto de estarem em dificuldades.

Uma das causas para o jornalismo falhado é a parcialidade. Esta parcialidade corre o risco de guiar o público numa direção errada. Os *media*, como principais fornecedores de informações, têm a grande responsabilidade de oferecer informações objetivas e equilibradas ao público. Hoje em dia, os *media* têm cada vez mais poder e influência no mundo, graças ao progresso informático e tecnológico e, especialmente,

à grande difusão da internet. Por isso, temos que ter a capacidade de compreender quais são as parcialidades dos *media* e evitando assim a manipulação causada por notícias não objetivas. Um jornalismo imparcial e objectivo será decisivo para resolver os problemas políticos no mundo e anular os mal-entendidos, especialmente com minorias étnicas ou religiosas, no futuro.

Esta pesquisa será portanto um teste à capacidade de descobrir erros nos trabalhos jornalísticos a partir da análise de um estudo empírico: o tratamento mediático na Turquia sobre os curdos. No entanto, situações semelhantes a esta existem, não só na Turquia, mas também noutros países sejam eles considerados desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento. Através desta pesquisa, procurar-se-ão esclarecer os problemas mediáticos que a República da Turquia ocultou durante muito tempo, e porque foram tão difíceis de serem percebidos fora do país. Por isso a investigação tem também a expectativa de esclarecer os perigos do jornalismo parcial propondo aos leitores nacionais uma semelhante avaliação dos *media* portugueses, elucidando um pouco mais sobre as expressões e a retórica que pode induzir a falta de isenção nas informações escritas nos *media*. Esperamos assim contribuir para uma educação para os *media* que combata a ignorância e o preconceito. Também se espera que os leitores possam ter acesso a informações claras e equilibradas.

I. 5. Metodologia

A metodologia a utilizar nesta pesquisa baseia-se na comparação entre as notícias dos diversos *media* de imprensa turcos, nomeadamente *Anadolu Ajansı* (Agência de Imprensa da Anatólia), *Zaman*, *Radikal*, *Hürriyet* e os sítios das agências de imprensa do povo curdo publicados na língua turca e em inglês como: a *Diha Dicle Haber Ajansı* e a *Ajansa Nûçeyan a Firatê*. O objectivo desta comparação é esclarecer as diferenças entre os *media* turcos e curdos para avaliar o grau de parcialidade de cada um dos casos. Sobretudo, concentrar-nos-emos nas retóricas utilizadas em cada dos artigos em particular.

Mais de cem notícias foram recolhidas nos sítios dos *media* acima mencionados para facilitar a orientação da leitura nesta dissertação. Outra razão para não nos limitarmos aos *media* escritos ou oficialmente publicados é porque a investigação procura revelar a situação em que operam os *media* curdos e determinar qual a realidade dos *media* curdos que não são permitidos como fontes oficiais. Por exemplo a *Diha Dicle Haber Ajansı* é uma agência de imprensa que opera na Turquia mas a *Ajansa Nûçeyan a Firatê* está a operar fora da Turquia. Para analisar as fontes de informação sobre os curdos, os sítios na internet procuram fazer-se ouvir-se.

Nesta pesquisa, as notícias relacionadas com a questão curda serão categorizadas em quatro temas: (1) política, (2) língua e cultura, (3) *media*, e (4) conflito. O objectivo desta categorização é compreender melhor os graus de parcialidade em função de cada argumento. A retórica utilizada será analisada, tendo em consideração os estudos e a conceptualização das teorias sobre o “Jornalismo de Paz” e o “Jornalismo de Guerra”, propostas por Jake Lynch e Johan Galtung (Lynch e Galtung, 2010). O “Jornalismo de Paz” será explicado, mais em detalhe, na próxima secção.

Verificar-se-á, através dos métodos da análise de conteúdo do discurso dos *media*, o tipo de adjectivação e a narratologia utilizados na produção da notícias. Para legitimar os resultados obtidos será feita uma pesquisa exaustiva das notícias publicadas entre o início do mês de Janeiro 2011 e o fim do mês de Agosto 2011 nos jornais e sítios de internet acima referidos. Outros *media*, como a televisão ou o rádio, não serão utilizados nesta pesquisa.

No final da dissertação gostaria de apresentar a experiência na Turquia que inclui várias viagens e estadias (ficámos à volta de cinco meses, em períodos diferentes na Turquia). Uma dessas estadias foi num período de estágio jornalístico numa agência de imprensa estatal turca, a *Anadolu Ajansı*. Apresentarei observações pessoais sobre a relação entre os *media* turcos e as questões curdas: o que vi nos jornais e nas televisões; o que percebi ao falar com pessoas diferentes. Esta fase trará uma parte prática e de observação participante a esta investigação.

I. 6. Jornalismo de Paz

Quando os jornalistas fazem as reportagens sobre uma guerra, as retóricas dos jornalistas deveriam ser usadas prudentemente porque os vários pontos de vista em oposição têm que ser considerados para não se cair num discurso parcial. Lynch e McGoldrick (Lynch e McGoldrick, 2005;13) definiram uma noção de “Jornalismo de Paz” (Peace Journalism), distinguindo-o das notícias que promovem uma guerra ou conflito, designado por “Jornalismo de Guerra” (War Journalism).

Segundo eles, o jornalismo de guerra compreende as reportagens que dão “ênfase à violência e ao conflito entre dois lados; ganhar/perder batalhas, governo e fontes militares, e os “nossos” sofrimentos contra as “suas maldades”. Outras análises semelhantes também indicam as características do jornalismo de guerra como: “violência-orientada, a ideia do vilão e da vítima (uma forma de ajuizar que uma parte tem razão 100% e a outra não tem razão nenhuma), e também, virados para as consequências visíveis, tal como a contabilidade de mortos, feridos e danos de materiais” (Hanitzsch, 2004; 484)²³.

Em oposição, o jornalismo de paz concentra-se nas visões criativas, esforços para a resolução e manutenção de situações pacíficas. Além disso, o jornalismo de paz procura revelar os sofrimentos e as vozes de todas as partes interessadas de um conflito. Os jornalistas que querem dedicar-se ao jornalismo de paz ou utilizar os artigos que escrevem para melhorar uma situação de conflito, devem apresentar artigos neutros e manter uma certa distância entre todas as partes interessadas de um conflito (Kempf, 2003; 9)²⁴.

De acordo com o descrito no parágrafo anterior, as definições de jornalismo de paz são muito claras e parecem-me bastante simples de distinguir. Mas, na realidade, o conceito de jornalismo de paz raramente é considerado como guia principal para os jornalistas que tratam um conflito. Por isso, nesta pesquisa, quis-se dar mais atenção às perspectivas de jornalismo que pode fornecer uma oportunidade para resolver conflitos étnicos na Turquia e para criticar a parcialidade dos *media* neste país. Tanto

as retóricas utilizadas nas notícias turcas como nas curdas em conjunto serão analisadas do ponto de vista do jornalismo de paz.

Parte II. Análise das Notícias dos *Media* Turcos

II. 1. As Características das Notícias Turcas Analisadas

Na Turquia, há mais de trinta jornais de imprensa escritos em turco publicados a nível nacional. Não tomamos, portanto, em consideração os jornais regionais turcos, nesta pesquisa. Analisaremos apenas os quotidianos nacionais de diversos gêneros. Mais de setenta artigos de notícias foram aleatoriamente recolhidos nos vários sítios de internet dos maiores quotidianos turcos. Será tratado o maior jornal turco, o *Zaman* que tem mais de 950 mil vendas por mês no período entre 31 de Janeiro e 5 de Fevereiro de 2012)²⁵. O *Zaman* também tem o seu jornal publicado na versão inglesa, o *Today's Zaman*. Dado que é o jornal com maior número de reportagens estará bastante presente na investigação. É interessante notar que este jornal é considerado pelos pesquisadores e pelos seus jornalistas como sendo um jornal que apoia o multiculturalismo nas suas publicações²⁶. Segundo o artigo publicado no dia 9 de Fevereiro de 2011, a professora Uslu disse que “o facto de receber respostas positivas [dos leitores do jornal *Zaman*] às questões curdas está directamente ligado ao facto que o *Zaman* apoia o multiculturalismo nas suas publicações” e “o inquérito demonstra que os leitores acham que as notícias publicadas pelo *Zaman* e relacionadas com as questões curdas são imparciais, comparando com as de outros jornais”. Será também sujeito a análise o *Sabah*, que tem mais de 340 mil vendas. Em terceiro lugar, escolhemos o jornal *Radikal*, um quotidiano que tem cerca de 26 mil vendas na Turquia, mas não se vende em todo o lado. Tem tendência para ser um jornal alternativo e é especialmente conhecido entre os jovens turcos.

Serão também analisadas duas agências de imprensa turcas. A primeira é a agência estatal turca, a *Anadolu Ajansı*. Foi nesta agência que fizemos o estágio no Verão de 2011. A segunda instituição analisada será *Cihan Haber Ajansı* (nas partes seguintes, será denominada de “*Cihan*”). A agência *Cihan* é privada e especializada em jornalismo de vídeo. A diferença entre as duas agências é que a *Anadolu Ajansı* tende a ter artigos curtos e fatuais, ou seja, os seus artigos raramente têm opiniões e observações dos seus jornalistas. Inversamente, a *Cihan* tem reportagens detalhadas onde se podem encontrar-se opiniões emitidas pelos jornalistas. No capítulo seguinte

a análise concreta dos *media*, acima mencionadas será apresentada, começando na categoria “Os *Media*”.

II. 2. Os *Media*

II.2.1. As mudanças nos *media* turcos

Até aos anos 90, era muito arriscado falar sobre a identidade curda. Em cada aldeia do sudeste da Turquia, onde vivem curdos, existia um polícia que monitorizava sempre as ações dos cidadãos. Desnecessário será dizer que tanto jornalistas como os pesquisadores estrangeiros, mesmo os turcos, não tinham nenhuma possibilidade de fazer reportagens ou pesquisas. Os polícias verificavam se alguém falava com os curdos nas suas próprias línguas (as línguas das minorias) ou se criticavam as autoridades. Fizeram-se falsas reportagens para dar uma boa imagem da aldeia/região, obrigando os cidadãos a dizerem factos que não existiam (Matsuura, 2003; 84)²⁷. O governo turco realizava um imenso esforço para controlar a maioria dos cidadãos, turcos para que eles acreditassem que os curdos na Turquia vivem livremente.

Hoje em dia, porém, a situação parece ter melhorado, como foi explicado no primeiro capítulo, já é permitido aos *media* utilizarem o termo “curdo” e falar sobre o povo curdo. A televisão nacional abriu um canal nas línguas curdas e zaza no *TRT 6. A Dicle Haber Ajansı* (passará a ser chamado de “*DİHA*”, nas partes seguintes). Começou a operar em 2002, difundindo notícias em turco, curdo e inglês. Com esta mudança os curdos passaram a ter possibilidade de aceder a informações em curdo.

II.2.2. Sondagem: o que acham sobre os curdos?

No início de 2011, o instituto de investigação *KONDA* apresentou um relatório muito interessante. Esse relatório intitulou-se: “As percepções e expectativas sobre o problema curdo”²⁸ (*KONDA*, 2011). *KONDA* questionou a 10.393 pessoas turcas e curdas, que vivem nas cinquenta e nove províncias da Turquia, acerca da coexistência entre curdos e turcos, para verificar a possibilidade de resolução dos problemas existentes desde a criação da República. Segundo o relatório, cerca dos 57,5 % dos turcos não querem um curdo como cônjuge, 53,5 % não querem um curdo como

parceiro de negócios, e cerca 50 % não o querem mesmo como vizinho. Às mesmas perguntas, os curdos responderam, respetivamente, 26,4 %, 24,8 % e 22,1%.

O relatório continua sustentando que cerca de metade dos curdos responderam que não podem viver confortavelmente com as suas identidades, 71,7 % dos participantes turcos são contra o reconhecimento da identidade curda na nova Constituição (antes e depois da eleição do primeiro-ministro turco, Erdoğan, em Junho de 2011, ele prometeu de fazer uma nova Constituição que tivesse em conta o estatuto das minorias). O sujeito do problema curdo, ou seja o povo curdo, pensa, segundo o relatório que o essencial para melhorar a sua situação no país são, os seguintes elementos, por esta ordem:

- 94,3 % pensam que o crescimento económico na região curda é necessário;
- 88,9 % pensam que é importante o Estado suportar “as tradições curdas”;
- 87,2 % acentuam a importância na emissão e publicação em curdo;
- 82,1 % consideram a educação em língua materna (línguas curdas) é necessária;
- 73,7 % acreditam que o reconhecimento da identidade curda na nova Constituição é fundamental;
- 70,9 % dão importância ao acesso a cargos públicos nas administrações locais;
- 59,1 % responderam que é necessário baixar os obstáculos que impedem os políticos da região do sudoeste de participar nas eleições parlamentares.

Este relatório foi citado no artigo publicado no *Today's Zaman* (5 de Junho de 2011)²⁹. O artigo intitulado *Será que é evitável o “divórcio curdo”?* argumenta com o facto do primeiro-ministro ter dito que não haveria mais negação nem discriminação, por parte do Estado, em relação aos curdos. O jornalista que escreveu este artigo disse, no entanto, que ainda existe discriminação entre os cidadãos, como se constata nos resultados do relatório acima mencionado. Neste artigo, o jornalista acrescenta: “Ambos, turcos e curdos, deveriam convencer-se da coexistência e reconciliação”. Depois, apresenta a discriminação e percepção negativas que ainda existe contra os

curdos, e realça a importância do “mobilizar mais os *media*” para resolver os problemas entre os turcos e curdos.

Fica por saber o que significa “mobilizar mais os *media*” ou como eliminar a discriminação ou percepção negativas dos cidadãos turcos. O último ponto da análise a este artigo é o seu título. No título, a expressão *divórcio curdo* é utilizada. Os problemas curdos devem-se principalmente, à negação da identidade das minorias pelo governo turco e à interdição das línguas, culturas e educação das minorias. Porém, *divórcio curdo* dá uma impressão de que são os curdos que se querem separar ou ter uma plena independência em relação à Turquia. Não devemos simplificar a ideia de que todos os curdos querem separar-se da República (Kojima, 1991: 127)³⁰³¹. Segundo as pesquisas efectuadas por Kojima e Matsuura, numerosos curdos que vivem em Istambul ou Ancara, estão satisfeitos por viver no território turco e não concordam com a ideia de ter a independência da região curda nem de ter a língua curda como uma das línguas de ensino. Isto deve-se, segundo eles, ao facto dos curdos que se mudaram para as grandes cidades terem melhor nível de vida do que nas suas regiões de origens. Aliás muitos filhos de imigrantes curdos, nas cidades acima referidas, não aprenderam as línguas de origem, o que os ajuda a integrar-se.

Uma parte dos *media* turcos sobrevaloriza as actividades do PKK dentro da nação curda o que acaba por para transmitir uma imagem de separatismo. Mas, a situação é mais complicada: as autoridades turcas recrutavam curdos no combate ao PKK e, não há nenhuma prova de que todos os curdos linhem com as políticas do PKK (Matsuura, 2003; 236)³². Por estas razões, e na nossa opinião, este título é parcial e não é adequado. Será mais razoável o título ser o “divórcio entre os turcos e curdos”.

II.2.3. As percepções dos leitores dos maiores jornais

Os jornais turcos, também, tomaram a iniciativa de realizarem sondagens sobre as questões curdas. O *Zaman* apresenta, no seu artigo com o título, *Leitores do jornal, não acreditam na separação turca-curda* (10 de Fevereiro de 2011)³³, os resultados de uma sondagem que foi conduzida pela Professora Zeynep Karahan Uslu e pelo Professor Can Bilgili. A sondagem envolveu 829 leitores dos jornais *Zaman*, *Cumhuriyet*

e *Hürriyet* mas só residentes em Ancara. Os participantes responderam, utilizando a escala de *Likert*, em relação à concordância com as perguntas (0. Nenhuma resposta; 1. Discordo fortemente; 2. Discordo; 3. Nem concordo nem discordo; 4. Concordo; 5. Concordo fortemente; 6. Não sei). A sondagem era constituída por 8 perguntas (Tabela 2) e, os leitores dos 3 jornais responderam a cada pergunta. A Tabela 2 reúne os dados publicados no artigo mencionado.

Número	Pergunta	Resposta de <i>Zaman</i> (media)	Resposta de <i>Cumhuriyet</i> (media)	Resposta de <i>Hürriyet</i> (media)
1	Os curdos e turcos foram irmãos durante 1000 anos?	4	3,81	3,65
2	Os curdos, excepto o pequeno número de organizações de terroristas, são leais à Turquia?	3,89	3,72	3,59
3	É necessário avançar a democracia, os direitos humanos, a melhoria da economia, os projectos sociais para resolução da questão curda?	4,23	4,07	3,89
4	Tem a ideia de ficar amigo de pessoas de outras etnicidades?	4,06	3,90	3,81
5	Acomodaria um curdo na sua casa como convidado?	4,09	3,93	3,88
6	Os curdos são partes inseparáveis da Turquia?	3,90	3,81	3,54
7	Tem algum problema em ver um curdo numa posição profissional alta e importante na Turquia?	3,78	3,66	3,44
8	Tem algum problema em ter a maioria curda na cidade onde vive?	3,54	3,24	3,12

Tabela 2. As perguntas e respostas dos 3 jornais na sondagem sobre as questões curdas

Podemos depreender pelos resultados obtidos, que a maioria dos participantes não tem muita motivação para aceitar as iniciativas que procurem resolver as diversas

questões relacionadas com o povo curdo. Porém, o artigo sublinha que os turcos são bastante optimistas no que diz respeito às questões curdas, especialmente acentuando o resultado da pergunta 4: “A sondagem realizada pelos leitores dos 3 jornais na Turquia revelou que os leitores concordam com a ideia de fazerem amizade com pessoas de outras etnias”. No entanto, verifica-se que muitas respostas não atingem os resultados da 4. Ou seja, ainda existem muitos leitores que não querem mostrar atitudes positivas em relação às minorias. Por isso, este artigo preocupa-se, sem analisar suficientemente os dados obtidos, em apresentar como dado adquirido que os leitores do *Zaman* respeitam as minorias e que o jornal, por si só, é imparcial (“...os leitores acreditam que as notícias relacionadas com os curdos com as questões curdas no *Zaman* são imparciais”).

Além do mais, o jornalista explica, brevemente, a questão curda no artigo: “A questão curda existe desde os primeiros anos da República da Turquia, mas tornou-se violenta desde 1984 (...). Mais de 40.000 civis e forças de segurança foram assassinados no conflito até hoje”. Estas frases correm o risco de provocar desentendimento porque não está mencionado o facto das autoridades terem, também, provocado a morte de numerosas minorias na história da República Turca³⁴. O que é notável é que o artigo exprime o lado positivo de respeitar o multiculturalismo e a imparcialidade. Contudo, as descrições dos factos são parcialmente distorcidas e, não demonstram nenhuma proposta de melhoria da situação.

Acima de tudo, com a sondagem apresentada na sub-secção anterior a este artigo, ficou demonstrado que falar das questões curdas não é mais “tabú” para os *media* turcos. É uma grande mudança, se compararmos com o período em que não se encontrava o termo “curdo” em alguns dicionários turcos (Kojima, 1991; 59)³⁵.

II.2.4. Ainda há censuras

De acordo com o que foi explicado anteriormente, o tabu sobre o problema curdo foi de certa forma reduzido. No entanto, ainda há casos de censura por parte do governo noutros *media*. Nesta secção, serão analisados três casos. Primeiro, um artigo publicado na agência *Cihan* (10 de Agosto de 2011)³⁶ fala de um comandante da policia

de Antalya, Kurmay Ekici, que foi colocado numa outra posição (não está esclarecido, no artigo, qual a posição e onde). A razão da sua transferência é porque ele exprimiu e publicou na internet a sua ideia sobre os curdos. Este homem reclamou das acções do governo relacionadas aos curdos, dizendo “A partir de agora, as coisas não serão como antes (...). Este governo não pode agir desta maneira”. Porém, o artigo não explica o porquê dele exprimir essas ideias e as razões que terão conduzido à transferência da sua tarefa pública. Também, no artigo é declarado, “Ekici (o comandante) falou em organizar diversas comunidades”. No entanto, não esclareceu que tivesse falado em específico dos curdos porque as palavras de Ekici citadas, no artigo, não referem os curdos. O que é certo é que Ekici foi afastado e a causa terá sido por ter criticado o governo sobre questões relacionadas com as minorias.

Em segundo lugar, analisámos um cartaz para a campanha eleitoral de um político, Kemal Kılıçdaroğlu, do Partido Republicano do Povo (CHP). CHP é um partido pró-minorias e, o político também pertence a uma minoria³⁷³⁸ (curdo de Alevi³⁹). O cartaz foi instalado, na cidade de Tunceli, no dia 19 de Maio de 2011, para acolher o líder do partido em visita para a campanha eleitoral (a eleição foi realizada em Junho de 2011). O cartaz foi retirado pelo município, na tarde do mesmo dia, por estar escrito na língua zaza (*Zaman*, 2011)⁴⁰. Em vez deste cartaz, foi colocada no seu lugar a versão turca. Este artigo tem a versão inglesa no *Today's Zaman*⁴¹ e, segundo as informações mencionadas no artigo, o município retirou-o porque o partido não estava informado sobre as características do cartaz. Todavia, estas explicações não foram inseridas na versão turca. Além do mais, o cartaz na língua zaza diz: “Sabes que és irmão do povo curmânji, zaza, turco, curdo, alevi, sunita. Por isso, amamos-te”. Mas, na versão Turca, simplesmente está referido “Não tenho apoio. Só tenho vitória. Para camponeses, o gasóleo será 1,5 Lira cada litro” (Figura 3).



Figura 3. Os cartazes preparados para o líder de CHP em turco (esquerda) e na língua zaza (direita)
(Fotografia: *Today's Zaman*, 19 de Maio de 2011)

Os conteúdos das duas versões são completamente diferentes. Fica assim demonstrado que a autoridade turca usou uma sofisticada forma de censura ao povo e, o jornalista turco não aprofundou o argumento no seu artigo. Tunceli é uma cidade conhecida onde a repressão exercida pelas autoridades foi extremamente violenta⁴². O governo conduziu o massacre entre 1936-1938 contra os curdos de Alevi⁴³ e, ainda agora, parece que o país é sensível às acções das minorias e à presença dos curdos de Alevi.

O terceiro exemplo é a história de um proprietário de uma empresa de impressão, condenado por uma publicação relacionada com o líder do PKK, Abdullah Öcalan. O título do artigo, publicado no jornal *Radical*, é *Proprietário de empresa de impressão, condenado por disseminar propaganda de terror* (16 de Agosto de 2011)⁴⁴. Esta notícia explica que o proprietário do *Berdan Printing Press* foi sentenciado pelo tribunal de Istambul à punição de nove meses de prisão por ter impresso um livro que incluía entrevistas de Öcalan. O autor do livro, *Anılarla Abdullah Öcalan - Güneşin Sofrası (As memórias de Abdullah Öcalan – Na Mesa do Sol)* e o editor foram absolvidos pelo tribunal. A sentença apresenta como razão fundamental o facto de se ter feito “propaganda para a organização de terrorista”. O facto é que esta sentença aconteceu e revela que a jurisprudência turca não permite ainda a liberdade de expressão e publicação.

O artigo só cita os comentários preocupados do autor e de Ragıp Zarakolu, o Presidente da União de Editores Turcos, dizendo: “A menos que o Ministério de Justiça intervenha na situação, as empresas de impressão podem não querer imprimir livros com medo de serem julgadas e de ir para prisão (...)”. O autor do livro *As memórias de Abdullah Öcalan – Na Mesa do Sol* disse que essa situação pode levantar a dúvidas sobre os verdadeiros objectivos do Parlamento turco, que quer preparar uma nova Constituição mais livre. O jornalista deste artigo mostra preocupações sobre a sentença, apresentando testemunhos de pessoas envolvidas. Mas também neste caso, existem um problema: com o título acima mencionado, o “crime” cometido parece ser inquestionável. Ao usar esta expressão, “condenado por disseminar propaganda de terror” o jornalista acaba por confirmar a sentença. Se o jornalista tivesse duvidado da sentença ou a questionasse, não teria empregue a expressão ou, pelo menos tê-la-ia colocado parênteses.

Este gênero de punição acontece, ainda hoje. Tanto o professor que escreveu para a Human Rights Advisory Commission (HRAC) um relatório que apoia a identidade das minorias como o Presidente desta comissão foram condenados, no fim de 2010, a cinco anos de prisão, por “insulto contra a sistema judicial” e por “incitar ao ódio e à inimizade entre o público” segundo Código Penal Turco (Art. 301 e 216, respectivamente)⁴⁵.

Das análises que fizemos ao primeiro caso concluímos que os *media* turcos melhoraram bastante, quando comparados com há trinta anos atrás. Os jornalistas já podem escrever a palavra “curdo” nos seus artigos. Até os anos 90, o governo turco negava a existência das minorias, com base na ideia “Kemalista”⁴⁶⁴⁷. No entanto, entendemos que, ainda hoje, os principais jornais turcos não empregam expressões imparciais e isentas para noticiar as questões curdas. Por isso, usam muitas vezes citações completas e não utilizam comentários. Ainda se encontra censura mediática por vias indirectas nos *media* da Turquia.

No próximo capítulo, analisaremos os artigos relacionados com as questões da língua e da cultura.

II. 3. As Língua e Identidade

II. 3. 1. Proibição de língua curda

Gostaríamos de introduzir neste texto Layla Zana⁴⁸, uma pessoa importante para falar das questões curdas na Turquia. Layla Zana é de Diyarbakır e curda. Foi eleita para o parlamento turco em 1991. Todavia, no dia do juramento de posse, ela falou em curdo e, por isso, foi condenada por ter furado a regra que proíbe a utilização da língua curda em público. Zana ficou na prisão até Março de 1994, sendo também acusada de ter uma ligação ao PKK. O artigo do *Today's Zaman* (23 de Maio de 2011) descreve a libertação da política curda dizendo que “A libertação foi, para muitas pessoas, o fim do constrangimento mais embaraçoso e inquietante da história recente da política turca”. O jornalista continua a estimar Zana dizendo: “Ela simboliza a luta por uma solução pacífica para o conflito curdo na Turquia, com o objectivo de alcançar o respeito pelos direitos humanos para o povo curdo, perseguidos por muito tempo”. Neste texto, tal como fazem numerosos jornalistas turcos, a utilização da expressão “o conflito curdo” poderia provocar um mal-entendido. Seria mais adequado descrever “o conflito entre os curdos e os turcos (ou as autoridades turcas)”. Porém, o artigo admite, claramente, o facto de os curdos terem sido perseguidos. Mas, não está escrito quem os persegue. Digamos que o jornalista sabe o que aconteceu e o que é real mas, no entanto, não critica directamente as autoridades turcas. Depois, o artigo cita palavras de um discurso público que Zana fez, na cidade de Sanliurfa, em curdo. O que parece demonstrar que agora já não existe o risco de se falar uma língua minoritária⁴⁹. Todavia, na realidade, ainda não é definitivo o estabelecimento de uma situação em que toda a gente pode falar em curdo num lugar público. Vemos algumas discussões que existem, hoje em dia, à volta da utilização das línguas curdas.

II. 3. 2. Língua no ensino

Uma das polémicas recorrentes relacionadas com os curdos é a língua permitida no ensino. Actualmente, é proibido ensinar numa língua curda na Turquia. No dia 12 de Setembro de 1980, Kenan Evren liderou um golpe de estado. Ele tomou posse e conduziu a Presidênciaturca durante 8 anos depois de ter iniciado o seu governo ditatorial. Dissolveu o parlamento e aplicou a lei marcial. A partir desse dia, a instrução

e utilização de uma língua curda no espaço público foi rigorosamente banida até 1991⁵⁰. E a língua curda no ensino público ainda não é permitida (Comissão Europeia, 2006; 22)⁵¹. No entanto, a primeira escola oficial de línguas curdas foi inaugurada numa cidade do sudeste, Batman, em 2004 (*The Christian Science Monitor*, 2005)⁵². Em 2009, Universidade Istanbul Bilgi introduziu um curso electivo de língua curda, mas como ensino de “língua estrangeira”⁵³.

Encontrámos uma entrevista interessante do ex-presidente ditatorial turco, Kenan Evren sobre a decisão de então proibir as línguas curdas. O jornalista citando, o comentário dele no jornal *Today's Zaman* (9 de Junho de 2011)⁵⁴ afirma que o ex-presidente foi a uma escola primária na região sudeste e pediu a um aluno para ler um texto de um livro escolar. O aluno não conseguiu lê-lo e, Evren ficou zangado porque percebeu que o professor o ensinou em curdo e, por isso, o aluno não sabia ler o texto turco. Evren disse que, depois desta experiência, banuiu imediatamente a utilização das línguas curdas. O presidente relembrou o caso, admitindo que: “Isso foi um engano. Percebi depois esse engano”. Este artigo, que contém um testemunho franco do ex-presidente, general rigoroso, acaba por citar as palavras de Evren durante quase todo o artigo. Porém, o facto é que o jornalista está a questionar a legitimidade da interdição no passado das línguas curdas, revelando a reflexão de Evren.

II. 3. 3. Ainda mais oposição a língua curda como língua oficial

Apesar de existir algum progresso, ao nível pedagógico, na inserção das línguas curdas no ensino, as autoridades continuam a mostrar forte resistência à autorização de proclamar uma língua curda como oficial⁵⁵. O artigo de 15 de Junho de 2011, publicado no *Today's Zaman*, discute a questão, interpretando a opinião do ex-secretário do Estado, Salim Ensarioğlu. O jornalista escreve: “Para ele, algumas escolas privadas poderiam oferecer aulas em curdo mas, o uso de duas línguas oficiais na Turquia danificaria a estrutura unitária do Estado”. Com esta frase o jornalista não aprofunda a argumentação nem interpreta a ideia do político, evitando explicar a expressão utilizada “danificaria a estrutura unitária do Estado”.

Analisaremos também um artigo da *Anadolu Ajansı* (17 de Janeiro de 2011). Depois da eleição Presidencial realizada em Junho de 2011, o governo de Erdoğan quis preparar uma nova Constituição. O ministro de Estado e o vice primeiro-ministro, Bulent Arinc, declararam, segundo o artigo (*Zaman*, 2011)⁵⁶, que o novo governo consagrará os direitos humanos e constitucionais às minorias para defenderem as suas identidades (do povo curdo e doutras minorias). O político admite, também, que o “terrorismo não pode ser resolvido só com armas, e por isso, é preciso tomar também medidas económicas, sociais e políticas”. No entanto, a reportagem insiste a sublinhar a opinião de Bulent Arinc, dizendo: “Arinc disse que todas as pessoas podem falar noutras línguas com as suas famílias, nas ruas, no rádio, na televisão, nas revistas e nos livros, contudo, o Estado e Ensino têm que ter só uma língua oficial”. A falha deste artigo é que não se consegue saber quais são os reais comentários de Arinc e quais são as frases do jornalista. O jornalista utiliza algumas palavras do político em discurso indirecto, no entanto, nem sempre é especificado se Arinc terá dito tal frase ou se é apenas uma interpretação do jornalista.

Depois da discussão sobre a legitimidade das línguas curdos num âmbito público, no parágrafo em continuação o jornalista afirma que o político negou o genocídio de arménios em 1915. O título é *Ministro turco diz que a Turquia vai dar direitos constitucionais*, mas o artigo fala da negação das línguas curdas oficiais e do genocídio dos arménios. O autor do artigo muda, de repente o argumento e não aprofunda o ponto mais importante. O título, *A Turquia não permite a introdução de uma outra língua oficial* enfatiza a atitude positiva do governo para os curdos mas, escamoteia o que é não aceitável para os turcos. Além do mais, esta notícia não existe na versão turca. Achamos, pelo facto de ser uma agência estatal, que este artigo pretende dar uma impressão positiva do actual governo que “procura melhorar os direitos humanos para os curdos”.

Ainda hoje, o uso das línguas curdas num cenário público não é permitido e quem o faz pode arriscar uma multa⁵⁷.

II. 3. 4. O progresso na admissão das identidades das minorias

En relação às línguas, há ainda dificuldades mas, quanto à identidade do povo curdo fizeram-se bastante progressos ao nível estatal. A situação já não é como a que os professores de escolas primárias ensinavam, nos anos 80: “Não há uma coisa que se chama “curdo”. O termo “curdo” originou-se de um barulho que o nosso povo, que tinha vivido no sudeste, fez caminhando sobre a neve, “kart ou kurt””⁵⁸.

Os jornalistas parecem ter mais vontade em falar sobre a importância do reconhecimento das identidades das minorias. A famosa promessa turca *A Nossa Promessa* tinha sido objecto de discussão na Turquia entre várias minorias, não apenas entre os curdos mas também entre gregos e arménios. O artigo do *Hürriyet* (15 de Agosto de 2011)⁵⁹ apresenta diversas opiniões sobre a obrigação de recitar a “Promessa” às crianças das minorias na Turquia. O jornalista apresenta a voz dos pais, no seu artigo intitulado *Minorias na Turquia condenam A Nossa Promessa mas temem exprimir-se*, explicando como eles mostraram a hesitação escondida. A reportagem dá destaque, também, ao facto de o líder do Partido para a Paz e da Democracia (BDP) hesitar nessa promessa. O BDP é um partido pró-curdos e tem papel de observador na organização *Socialist International*. O seu líder, Selahattin Demirtaş, não gosta de obrigar os seus filhos a recitarem essa promessa.

Este artigo finaliza com a opinião de um judeu (por motivo de segurança, a identidade desta pessoa não é especificada no artigo) que defende a importância da promessa e o significado de “ser turco”. Em geral, o artigo dá atenção às vozes de ambos os lados, e lança dúvida sobre a regra escolar. Deste ponto de vista, classificamos este artigo como imparcial.

Um outro artigo que escolhemos confronta directamente o problema do reconhecimento da identidade curda pelo povo turco. No artigo titulado *O que querem os curdos?*⁶⁰, o jornalista apresenta a história de uma mulher curda (a identidade desta pessoa não é esclarecida por motivo de segurança) visando com isso a necessidade em admitir as identidades curdas. Diz o seguinte: “Nós temos, cada vez mais, de rever esta questão (a questão curda) e procurar vê-la de um outro ângulo num futuro próximo”. O jornalista indica as numerosas dificuldades que a mulher curda encontra na sua vida privada, tais como: os insultos das suas colegas, como se ela matasse os soldados

turcos que os *media* mostram nas reportagens sobre conflitos com o PKK. A mulher fala, no total das duas páginas do artigo da internet, sobre as políticas das autoridades turcas que conduzem à deterioração do problema. Seria, diz ela, mais eficaz permitir aos curdos dizer “Sou curdo da Turquia” ou “Sou turco-curdo”. Também, sustenta que será melhor admitir a identidade, a autonomia, a língua dos curdos para manter a unidade da Turquia e que um país pode manter-se unido mesmo com a admissão das minorias.

Quando lemos este artigo, pensámos que o jornalista que apresentou o artigo foi muito corajoso, pois citou completamente as palavras da mulher sem criticar directamente os turcos. No entanto, este artigo não existe na versão turca. Talvez, o artigo se dirigisse os leitores fora do país procurando dar uma imagem positiva dos “desafios” que o governo turco tem pela frente.

Ao analisarmos os artigos sobre a identidade dos curdos, percebemos que tanto o governo como os jornalistas parecem coordenar-se para demonstrar as melhorias da situação das minorias mas apenas, para fora do país. Até certo ponto, a situação está a melhorar verdadeiramente, quando se compara com algumas décadas atrás. No entanto, os jornalistas hesitam em criticar abertamente os problemas do país. Só são citadas as partes exprimidas por outras pessoas e não existem análises próprias por parte dos jornalistas. No próximo capítulo, verificaremos de forma mais profunda a questão nos *media* turcos, analisando os artigos relacionados com a política turca à volta das questões curdas.

II. 4. A Política

II. 4. 1. Identidades como ferramenta política

De acordo com o mencionado no capítulo anterior, a identidade do povo curdo tem sido um assunto de discussão intensa nos últimos anos. Depois de o governo turco reconhecer a identidade nos anos 90, havia diferentes ideias e opiniões entre os curdos. Alguns curdos dizem: “Tenho sangue de curdo, mas sou turco”, e outros dizem, “Sou curdo e não sou turco, apesar de viver na Turquia”, ou “Sou curdo-turco⁶¹”. Desnecessário será dizer que nem todos os curdos querem a independência

separando-se da Turquia ou criando o seu próprio território. Dependendo do seu estatuto social, projecto de vida, história familiar e preferência pessoal, cada curdo tem a sua própria ideia sobre a sua identidade. Como existem emigrantes em muitos países, cada um deles não tende a mudar a sua identidade, de acordo com o local onde vive. Por exemplo, a autora desta investigação é japonesa mas vive em Portugal. Sem discutir se gosta ou não gosta, a identidade não deve obrigatoriamente alterar-se em função do local onde se vive. Os curdos não são emigrantes. Já viviam onde estão hoje. Mas, depois da criação da República Turca, de repente, a identidade curda tornou-se proibida. Tendo a raiz familiar, dizer originalmente donde vieram os seus ascendentes é um comportamento natural, e não é uma acção de separatismo como, por vezes, é considerada na Turquia. Na Turquia, identificar-se como não-turco pode ser considerado como negar ser turco.

Na Turquia, no entanto, não é oficialmente admissível dizer “sou curdo-turco”. Do ponto de vista constitucional, todos os turcos têm que se identificar como “turcos”. Um artigo intitulado, *O problema de “turco” e “türkiyeli”* (Today’s Zaman, 2011)⁶², fala da proposta elaborada pelo Professor Baskın Oran de um conceito de “supra-identidade do termo “türkiyeli” (o povo turco ou coisas que pertencem à Turquia, em geral)”. Segundo o artigo, o termo “türkiyeli” tem o significado “territorial e abrange todas as comunidades étnicas-religiosas na Turquia”. Se se utilizar só o termo “türk (turco)” para descrever os cidadãos na Turquia, as minorias não têm as suas identidades plenamente reconhecidas. Porém, se se aplicar esta palavra, “türkiyeli” para definir os cidadãos na Turquia, os cidadãos das comunidades minoritárias podem dizer “Sou türkiyeli curdo” sem abandonar a sua identidade e, ao mesmo tempo, significar a cidadania turca. O autor Baskın Oran menciona que os professores que propuseram este conceito foram condenados (ver o capítulo 2.4 da presente parte) e, argumenta com a necessidade de se aplicar esta ideia. Sobre aqueles que a rejeitam, o autor deste artigo diz: “Os seus (as pessoas que não aceitam este conceito) alvos só querem manter a hegemonia do elemento étnico turco” como o governo dos anos trinta fez (o período do governo Atatürk).

O jornalista critica directamente o facto não se ter aceite, pela *Human Rights Advisory Commission* (HRAC) designada pela gabinete do primeiro-ministro, o conceito

de “türkiyeli” e apoia este conceito de aceitar “uma sob-identidade” para as minorias na Turquia e de com isso poder abranger o problema das identidades (o que significa resolver uma grande parte da questão das actuais minorias da Turquia), sem ao mesmo tempo, perturbar a unidade do país. Deste ponto de vista, o artigo deve ser classificado como um artigo que pretende resolver um conflito, no âmbito do jornalismo de paz. Destacamos ainda que, este artigo, tal, como alguns dos artigos apresentados anteriormente, não foi encontrado na versão turca.

II. 4. 2. As críticas indirectas

Encontraram-se alguns jornalistas que admitem o facto dos governos anteriores terem feito erros contra os curdos. Eles, em geral, propõem a resolução dos problemas existentes e, além disso, conseguem separar os problemas dos curdos da questão específica do PKK. Apesar disso, muitos deles não criticam o governo actual.

Um exemplo deste tipo de prática encontra-se no artigo intitulado *Procurando um novo paradigma tratando do problema curdo* (*Today's Zaman*, 26 de Janeiro de 2011)⁶³ escrito pelo jornalista, Markar Esayan. O artigo apresenta uma perspectiva positiva e explora uma expectativa pacífica para melhorar a situação. O jornalista diz; “Não somos mais aquela sociedade que fica silenciosa na frente do “tabu sagrado”” ou; “Temos percepção de que é o momento de abandonar os métodos usados que resultaram só em desastre”. Neste artigo, o jornalista sublinha a importância de se parar com a violência: “Não chegaremos a nenhuma parte, utilizando a violência”. Deste ponto de vista, o artigo enquadra-se no jornalismo de paz, criticando a violência usada para reprimir os curdos. O que merece atenção é o facto deste artigo admitir o sofrimento dos curdos nas últimas décadas. No artigo afirma-se: “4500 aldeias foram incendiadas e esvaziadas. Mais de um milhão de curdos foram transferidos e a *JITEM* (Agência de Inteligência Policial Turca) provocou a morte a milhares de pessoas”. Também, apresenta os testemunhos de Abdullah Öcalan explicando que a autoridade turca recomendou a Öcalan para intensificar a guerra para que o líder do PKK recebesse a atenção do governo turco. Além disso, o autor deste artigo também admite como um facto o “desastre sobre os arménios” (mas o jornalista não usa o termo “genocídio”), e contesta a aplicação de violência. Podemos dizer que o artigo é

valeroso porque aponta os problemas de um ponto de vista objectivo. Todavia, mais uma vez, este artigo não existe na versão turca.

Entre os artigos analisados, os jornalistas que criticam o facto de terem existido muitos conflitos, muitas vezes porém descrevem-nos como se fossem conflitos solicitados pelo PKK sendo as vítimas apenas originais pela violência do PKK.

Para reforçar esta conclusão iremos referir um outro artigo do mesmo jornalista, Markar Esayan. O artigo, *Ainda uma vez, “Balikçi” é correcto (Today’s Zaman, 11 de Julho de 2011)*⁶⁴, fala de um homem curdo que não concorda com a acção do PKK, e procura o fim da violência e do conflito armado relacionado com as questões curdas. Esayan critica a operação continuada pelo PKK mas, ao mesmo tempo, avalia o que procurou fazer Abdullah Öcalan (actualmente detido na prisão da ilha de İmralı). Apropriando-se da visão do seu amigo curdo Esayan lembra o que aconteceu no ano de 1991, quando a punição de Öcalan foi decidida em prisão perpétua: “Na sequência da detenção [de Öcalan] o PKK estava pronto para iniciar uma nova onda de violência que teria generalizado a matança por toda a Turquia, mas Abdullah Öcalan decidiu continuar o processo de paz: Isso salvou o país de uma guerra interna”. O jornalista tem em conta a mudança entre a ideia de Öcalan, que anteriormente guiava o PKK e, a acção actual do PKK. Segundo o jornalista, depois de esforço de Öcalan para melhorar a situação, o PKK ainda usa violência e crê que “assassínio pode ser uma solução”. O ponto positivo deste artigo é que o jornalista explica a história de um acontecimento em detalhe.

Porém, o artigo muda de características na última parte. O autor começa então a criticar o partido BDP (Partido para a Paz e a Democracia) utilizando um estilo emocional e agressivo. Por exemplo o BDP apresentou, no dia 14 de Julho de 2011, uma proposta para uma “autonomia democrática” das regiões do este e sudeste⁶⁵. Neste mesmo dia, treze soldados turcos morreram “devido aos ataques do PKK”⁶⁶. Com respeito a este acontecimento, muitos jornais criticaram o partido BDP por ter proposto a autonomia sem considerar a situação actual na região do sudeste. O artigo de Esayan, também, critica o BDP por não ter conduzido as acções de um modo apropriado, sem ter em conta o ataque do PKK. Ele diz: “Aparentemente, eles não querem paz; aparentemente, o sangue derramado até agora não é suficiente.

Aparentemente, ainda existe o desejo de vingança e guerra. Mas por nós, que desejamos paz não faltarão iniciativas”. As palavras usadas são bastante agressivas e negativas, mesmo que o jornalista sublinhe a importância de obter a paz. A utilização dessas expressões contém o risco de originar um conflito, já que é difícil prever a reação de um partido criticado, assim, emocionalmente. Por esta razão, as palavras que se usam numa reportagem necessitam de ser escolhidas cuidadosamente. Mais uma vez, este artigo, não existe na versão turca.

De acordo com o mencionado no parágrafo anterior, no mesmo dia (14 de Julho) em que treze soldados turcos morreram, o BDP apresentou uma proposta de “autonomia democrática”⁶⁷ nas regiões onde muitos curdos vivem. Numerosos artigos⁶⁸ criticaram o BDP e os membros do DTK (Congresso de Sociedade Democrática que segundo o *Hürriyet Daily News*, apoia os grupos pró-curdos)⁶⁹ que participaram na apresentação da proposta de serem irresponsáveis tendo em conta o problema causado pelo PKK. No entanto, pensamos que o BDP não representa o PKK nem o PKK representa o povo curdo, tal como o Al-Qaeda não representa todos os Muçulmanos. À maior parte dos *media* turcos ainda falta reconhecer este ponto importante. O problema entre o governo turco e o PKK não deve ser misturado com as questões de identidade, cultura, língua, tradição ou de direitos curdos. Não se clarificou, nos *media* turcos, a ordem cronológica desses dois acontecimentos, ou seja, o ataque do PKK e a apresentação da proposta de “autonomia democrática (se aconteceu primeiro o ataque aos soldados turcos ou a proposta do BDP e do DTK). Porém, segundo uma deputada independente, Aysel Tugluk, os membros participantes no congresso (alguns são políticos e outros são activistas pró-curdos) que apresentaram a ideia de “autonomia” dizendo que não sabiam do ataque e, Tugluk inclusivamente pediu desculpa por não saber do evento.

Enquanto vários artigos analisaram a coincidência da proposta ter acontecido quando o PKK usou a violência, um outro artigo falou do significado da ideia: a autonomia na região do sudeste. Selçuk Kapuci, o jornalista do *Zaman* no artigo *Mais vozes de discordância entre curdos com respeito à autonomia democrática*⁷⁰ interpreta a proposta da autonomia desta forma: “O principal argumento deles [o BDP e o DTK] será que a autonomia não significa a desintegração ou separação mas, o

fortalecimento dos governos locais para enriquecer o bem-estar da população local”. O artigo procura ver o assunto de forma mais profunda. Quando a declaração da proposta da autonomia na região aconteceu, os *media* turcos tentaram negá-la, usando o ataque do PKK. Não existiram muitas notícias a analisar o que poderia mudar e o que poderia trazer de novo ao país, esta proposta. Muitos dos artigos que analisámos eram subjectivos e, fugiam ao tema central em discussão.

Encontrámos também alguns artigos que utilizam a crítica eufemística. Há numerosos artigos que falam do problema curdo mas, no entanto, acabam sempre com uma longa citação de palavras doutra pessoa. O artigo da *Anadolu Ajansı*, do dia 23 de Agosto de 2011, *Isso não é democracia* apresenta a crítica de um representante do CHP (Partido Republicano do Povo. O líder deste partido é uma minoria, Kemal Kılıçdaroğlu), dizendo que não há liberdade de imprensa e independência judicial. Depois, o jornalista apresenta o testemunho de um outro delegado do CHP da cidade de Tunceli (onde vivem muitos curdos e representantes de outras minorias). Afirma o delegado que: “Infelizmente, neste país, há um regime de ditadura onde todos dependem só de uma pessoa”. O artigo cita mais três pessoas mas, não insere nenhuma análise própria do jornalista nem esclarece as observações feitas. Adicionalmente, o artigo cita também as opiniões do CHP. Assim, apresenta só as ideias das pessoas que têm uma mesma posição sobre o discurso. No artigo pensamos que faltou incluir também quem têm ideias diferentes e posições políticas variadas.

Um outro artigo, publicado no jornal *Sabah* (3 de Agosto de 2011), apresenta as ideias de um outro político, Cem Özdemir (*Özdemir: Precisa fazer-se um esforço pelos curdos*⁷¹). Özdemir é um político alemão do partido Alliance '90/The Greens e da origem turca⁷². Metade do artigo é composto por uma citação. O artigo cita a opinião de Özdemir que dá ênfase à necessidade de resolução das questões curdas de forma pacífica mas, em vez de criticar as autoridades que fazem a repressão aos curdos, considera que o primeiro-ministro turco Erdogan tomou medidas corajosas para resolver as questões curdas (mas não são especificadas no artigo quais foram as medidas). Critica ainda os curdos, dizendo que a população curda também, precisa de fazer esforços para não se acostumar à situação de violência, mas continua sem distinguir os curdos dos restantes membros do PKK.

II. 4. 3. As táticas ambíguas

Quanto mais artigos de jornais turcos analisamos, mais estamos convencidos de que os jornalistas turcos têm “táticas” para iludir os leitores, sobretudo, os estrangeiros. Uma destas “táticas”, que não se encontra referida nas análises sobre os *media* e a identidade/língua que realizámos nas secções precedentes, é colocar diversos assuntos (racismo na Alemanha contra os imigrantes turcos, os ataques pelo PKK, o separatismo dos curdos, a admissão das identidades das minorias ou das línguas curdas etc.) e misturá-los num mesmo artigo. Ou seja, os jornalistas criticam, no âmbito político, os partidos e as políticas pró-curdas, mas reconhecem a tragédia do povo curdo do ponto de vista histórico, identitário ou cultural. Na forma mais extrema, alguns jornalistas confundem o PKK com toda a população curda mas, admitem a história catastrófica provocada pelos governos anteriores (embora salvaguardando sempre o governo de Erdogan, o primo-ministro actual).

O artigo de Mehmet Kalyoncu, publicado no dia 24 de Julho⁷³ é um exemplo típico. Kalyoncu explica, em detalhe, a história do povo curdo e a repressão realizada pelo governo turco. O jornalista refere inclusivamente o Tratado de Sèvres (concluído em 1920 depois da Primeira Guerra Mundial entre os Aliados Europeus e o império Otomano) em que os Aliados Europeus prometeram a criação de uma região autónoma para os curdos no sudeste de Anatólia, e comenta sobre o facto que as expectativas do povo curdo prometidas pelos Aliados Europeus nunca foram realizadas. Desta forma, sublinha e admite as numerosas dificuldades pela qual os curdos passaram durante muito tempo. Porém, para o jornalista esses problemas parecem ter sido ultrapassados. O jornalista refere: “Hoje em dia, os curdos da Turquia usufruem de direitos e liberdades de que ninguém podia sequer falar há uma década”. Além disso, escreve depois: “Mesmo que eles [os curdos da Turquia] tenham teoricamente usufruído dos direitos e estatutos iguais perante a lei, independentemente das suas identidades étnicas, os curdos têm sido normalmente discriminados no espaço público, assim como dentro de instituições estatais”. Estas duas frases podem iludir os leitores porque parecem mostrar compreensão e compaixão pelo povo curdo, mas ao mesmo tempo, julgamos que distorcem a realidade. A frase, “Os curdos usufruem dos direitos e liberdades” não tem nenhum

fundamento. É uma percepção errada da realidade e uma informação não comprovada. Kalyoncu continua: “Os políticos curdos [o jornalista não especificou quem, dizendo apenas “um punhado de políticas curdas e activistas”] continuam até hoje, publicamente, a pedir a autonomia curda, apesar da maior parte dos curdos não apoiarem a ideia”. Também, esta última afirmação “a maior parte dos curdos não apoiam a ideia” não é sustentada por nenhuma prova, dado estatístico, ou dado suplementar. No fim do artigo, Kalyoncu acaba por empregar os exemplos de humilhações e repressões noutros países, tal como os judeus na Alemanha e os africanos nos Estados Unidos. Referindo-se: “Por exemplo, os curdos nunca foram escravizados; eles nunca foram segregados nos transportes públicos ou noutros serviços (...)”. Por fim, conclui: “Nem os curdos alguma vez sofreram de discriminação por parte dos turcos como os turcos sofrem da discriminação pelos alemães por serem Muçulmanos”. O artigo mudou o fio da argumentação do principio ao fim. Começou a falar para os curdos mas acabou a justificar a discriminação e repressão dos curdos pelos turcos.

Um outro artigo publicado no *Today's Zaman* partilha com o acima referido algumas características semelhantes. Com o título, *Nuvens escuras no céu de verão* (18 de Julho de 2011)⁷⁴ o jornalista admite a história trágica dos curdos durante os anos 90. Mas, depois, afirma que o problema de curdos se reduziu ao problema do PKK porque o primeiro-ministro Erdogan “tentou resolver” as questões de direitos e identidades. O autor deste artigo, Pope diz: “A falha das políticas curdas não deve dissuadir o primeiro-ministro Recep Tayyip Erdogan, que sabe que a acção militar não oferece alívio de longa duração, demonstrando as suas capacidades de liderança e de procura da paz”. O artigo critica as políticas curdas e avalia o primeiro-ministro. É verdade que Erdogan trouxe numerosas melhorias nos últimos anos, reconhecendo os problemas dos curdos. No entanto, também temos que ter em conta que é Erdogan quem continua a aumentar os ataques na região do sudeste. Durante a estadia da autora na Turquia, todos os dias, os *media* difundiam reportagens sobre as preparações e aumentos do número de efectivos da força armada estatal para combater os “terroristas”. Uma estudante universitário em jornalismo, Ezgi (anônima de acordo com o solicitado) contou que as operações militares levadas a cabo pelas autoridades

aumentaram no Verão de 2011, comparando com o ano anterior. Ezgi não estuda especificamente as questões curdas mas informa-se pessoalmente sobre o assunto e participou também nas actividades duma organização curda, *Kürd-der* (localizado em Ancara). O artigo analisa a situação como se Erdogan evitasse a utilização da força armada e tomasse posição contra a violência. No entanto, a situação actual está muito longe de ser a que é descrita no artigo.

Contudo, deveremos realçar que o artigo dá destaque ao facto dos curdos participarem no serviço militar (na Turquia, excepto em casos particulares, são obrigatórios quinze meses de participação para todos os cidadãos entre os 20-41 anos). Porque têm morrido soldados no conflito con o PKK, o jornalista denuncia os turcos que utilizam este argumento para acusar os curdos. O autor diz: “Os nacionalistas turcos, mais uma vez, esquecem que os curdos também servem no serviço militar”. Esclarecendo que o problema continua a existir no público, escreve: “As reformas (sobre os direitos e as identidades do povo curdo), limitadas ainda não foram, completamente, digeridas”. No fim do artigo, apresenta a carta de uma rapariga curda de dezoito anos que se suicidou. Estava escrito nesta carta o seguinte: “Não sou separatista; não sou terrorista. Sou curda”. O jornalista quis dizer que os cidadãos devem perceber que a imagem do povo curdo criada pelos *media* ou pelo governo não representa todos os curdos na Turquia. O artigo tenta procurar a eliminação da parcialidade nos *media* e o preconceito no público, apesar de ter algumas informações incorrectas. De ponto de vista do jornalismo de paz, o artigo deu contribuição importante para a resolução pacífica do problema.

No próxima capítulo, analisaremos, através de notícias relevantes, a situação militar e o conflito na Turquia.

II. 5. O Conflictio

II. 5. 1. A tendência agressiva

Os capítulos anteriores apresentaram sobretudo artigos para os leitores fora da Turquia, dado que se encontraram mais notícias em inglês do que em turco. Pelo contrário, neste 5º capítulo apresentaremos mais artigos em turco. Ao contrário dos

artigos em inglês este tipo de artigo jornalístico tem como características distintivas o facto de serem bastante mais curtos e factuais. Em geral, não contém análise ou comentários dos jornalistas. Tendo isso em conta, esta análise concentrar-se-á sobretudo na retórica utilizada e na avaliação da parcialidade com que se transmitem os factos. A maior parte dos artigos apresentados até agora, nesta pesquisa, apoiam a tese de que os conflitos curdos são provocados pelo PKK e que o governo turco está a procurar uma solução pacífica, que não envolva as forças armadas. No entanto, durante o período desta análise, os *media* turcos apresentaram, quase todos os dias, artigos sobre o combate ao terrorismo; quantos soldados “mártires” pereceram no conflito com o PKK, e as ideias agressivas para “vencer” o PKK. Essas notícias consideram mais a “relação vitória/derrota” e, podemos classificá-las como jornalismo de guerra.

No artigo do 21 de Agosto de 2011 (*Até desenterrarmos a raiz, continuamos*)⁷⁵, referem-se as seguintes palavras do primeiro-ministro adjunto, Bekir Bozdağ: “Até desenterrarmos a raiz de terrorismo e até o terrorismo acabar, nós continuaremos a lutar. Com operações aéreas e territoriais, nós fizemos um trabalho de equipa e, precisaremos dessas operações, no futuro, até o terrorismo acabar”. O artigo cita as falas do discurso deste político mas não justifica os comentários nem as razões que estão por detrás destas palavras agressivas. O título do artigo aliás não demonstra nenhuma perspectiva pacífica que sublinhe uma ideia bastante agressiva capaz de promover conflitos. A utilização de palavras relacionadas com a guerra, tal como “derrotar” e “luta”, também, podem contribuir para a instalação de uma atmosfera de guerra.

O termo “terrorista” ou “terrorismo”, também, é uma das palavras cuja retórica mais riscos trás ao jornalismo. Não é só na Turquia, mas em todo o mundo, que estes dois termos são usados sem se definir o seu verdadeiro significado. Sobretudo, na Turquia, quando algum crime ou ataque acontece na região do sudeste, jornalistas ou porta-vozes tendem em utilizar esses termos, sem precaução⁷⁶. O artigo publicado na *Cihan*, no dia 12 de Agosto⁷⁷, relata como uma pessoa foi assassinada pelo PKK: “Mustafa Akçiçek, quando ia à aldeia de Ramazan, foi dissuadido por um grupo de 3 terroristas. O grupo controlou a identidade de Akçiçek e depois, (...), matou-o”. Nesta

curta notícia, não está explicado como é que o jornalista pôde concluir que o grupo que matou Akçiçek era do PKK. Já com o título *Ao parente, uma bala do PKK*, parece confirmado de ser o PKK. Não se encontra nenhuma explicação.

Um outro artigo da *Anadolu Ajansı*, *Curdos são os nossos irmãos, o PKK é o nosso inimigo* (21 de Agosto de 2011)⁷⁸, consideramo-lo definitivamente dentro do campo do jornalismo de guerra. O artigo cita apenas as palavras do presidente do Partido de Grande União (BBP), Mustafa Destici e não apresenta as razões porque Destici apoia esta ideia. O título do artigo é definitivamente pouco jornalístico e muito parcial já que define o PKK como inimigo. A utilização da lógica dos *bons vs maus*, ou seja considerar quem está do lado da razão e quem é o inimigo, é uma característica do jornalismo de guerra. É importante distinguir a diferença de ideias entre os curdos e o PKK, no entanto, quando existe um conflito num país ou entre duas partes, definir uma parte como um “mal” e a outra parte como os “bons” é geradora de mal-entendidos. Para atingir um jornalismo que promova a paz, precisamos de evitar tratar os conflitos como se fossem um desporto⁷⁹.

II. 5. 2. A falta de fundo e criação da noção de “inimigo”

Um artigo que descreve um ataque ou reporta uma guerra tende normalmente a apresentar uma perspectiva parcial, ou seja, a relatar só de um dos lados das partes envolvidas. Muitas vezes, os *media* turcos apresentam as vítimas turcas ou os soldados turcos. Actualmente nem sempre são consideradas vítimas apenas as representadas pelos turcos, no entanto, as vítimas do PKK são quase sempre negligenciadas. Não se encontram registos de quantos individuos do PKK se feriram ou morreram.

O *Today's Zaman* publicou, no dia 23 de Agosto, um artigo (*Seis polícias feridos por manifestantes pró-PKK que atacaram com bombas e armas*⁸⁰) que relatou um conflito entre polícias e manifestantes numa província do sudeste. O artigo começa por afirmar que: “Seis polícias ficaram feridos na sequência de um ataque de manifestantes com uma bomba e um fuzil AK-47 durante uma manifestação ilegal organizada em apoio do grupo terrorista, PKK (...)”. Esta frase tem algumas deficiências já que, por exemplo, não é explicado porque é que a manifestação era ilegal e quem a

decretou assim. No parágrafo seguinte, o jornalista explica, em detalhe, quais as armas (e como) são utilizadas, todavia, não se percebe porque é que a manifestação originou um conflito ou mesmo com que finalidade foi organizada a manifestação. Depois, o artigo não diz se houve vítimas do lado dos manifestantes. O artigo continua: “Aumentou a tensão recentemente no sudeste da Turquia por causa do PKK que intensificou as suas acções de violência contra soldados turcos (...)”. O jornalista não refere o facto das forças armadas turcas possuírem também soldados curdos, dado que o serviço militar é obrigatório para todos os residentes do país. Com este artigo, não conseguimos compreender o enquadramento de fundo deste acontecimento. Além disso, os pontos de vista dos turcos são realçados. Por esta razão, corre-se o risco de não transmitir as informações correctamente.

Um artigo do *Hürriyet Daily News* tem como título uma frase que não é favorável ao jornalismo de paz: “Ancara mobiliza-se para endurecer o combate anti-terror”. O artigo explica como o governo turco irá endurecer o ataque contra os “terroristas”. As operações aéreas incluem “uma campanha contra as bases dos terroristas no norte do Iraque”. Não parece ser um facto muito conhecido fora da Turquia, mas o governo turco mobilizou as forças armadas para atacar as bases do PKK nas montanhas todas as semanas ao longo do mês de Agosto 2011⁸¹⁸². Além disso, o governo também aprovou a operação armada fora do país, no Iraque.

Explica-se, em detalhe, como será constituída equipa militar que fará as operações: “Há, neste momento, mais de 6000 polícias mobilizados para as Operações Especiais. Um grupo de 500 pessoas foi cuidadosamente escolhidas para ser enviado às áreas com alto perigo, tal como Hakkari, Şırnak e Diyarbakır. As operações irão decorrer onde se pensa existirem militantes do PKK”. Se verificarmos bem, esta frase origina muitas dúvidas. Os militantes do PKK não podem admitir serem assassinados, ainda que o PKK seja considerado um partido de “terroristas”. Em caso de crime ou ilegalidade na existência de tal grupo, é necessário salvaguardar que sejam julgados pelo sistema judicial. Mas, não se atribuem nenhuns direitos humanos aos membros do PKK. Nas frases seguintes, mostra-se como há parcialidade quando diz: “Enquanto o governo programa a realização de operações contra o PKK, preocupados com o facto dos conflitos poderem chegar às grandes cidades pelos terroristas visando zonas

metropolitanas e causando o pânico”. Porém, para esta previsão negativa não se esclarece se existe alguma informação objectiva oriunda dos meandros do PKK ou não. E o que é que o governo está a fazer para proteger os residentes nas cidades? O artigo falha nas informações detalhadas, e no que é essencial para jornalismo de paz, as razões.

Na última parte do artigo, o jornalista sublinha o facto de que o governo turco está a fazer um esforço para “resolver o problema curdo através da iniciativa democrática”. Contudo, aqui também, não está explicado de que forma o governo tenta resolver o conflito e, o que significa “iniciativa democrática”. O que merece ser tido em consideração é que o artigo parece defender as operações armadas levadas a cabo pelo governo turco, equilibrando o argumento com o “suposto” esforço das autoridades para resolver os problemas do povo curdo. Não é coerente utilizar a força armada contra o PKK, se depois acusam o PKK de também ser violento. Os jornalistas têm que considerar a coerência das autoridades e, se for necessário, precisam criticar as operações armadas como forma de promover a paz no país.

II. 6. Observações sobre os *Media* Turcos

Foram observados diversos artigos dos *media* turcos sobre este assunto. Certamente, a situação dos *media* na Turquia mudou muito. Hoje em dia, os *media* turcos: 1) tratam as questões curdas; 2) muitos jornalistas admitem a história trágica que aconteceu aos curdos nas últimas décadas e; 3) sugerem a resolução pacífica do problema do povo curdo. Como mencionámos, anteriormente, até aos anos 90, o governo não admitia a “existência do povo curdo”, e por isso, os *media* turcos não se permitiam falar das questões curdas. Quem tentasse dar voz aos curdos, arriscava ser condenado pela lei. Comparado com isso, a situação actual parece ir no sentido de uma grande evolução democrática. Além do mais, algumas sondagens, apresentadas nos artigos, dão sinais de que se estão a debater os problemas das minorias, e são válidas para perceber as ideias dos cidadãos.

Porém, ainda se encontram diversos pontos negativos na redacção de notícias dos *media* turcos que não parecem ser ainda verdadeiramente livres. Por exemplo,

ainda existem muitos artigos que usam retóricas agressivas quando escrevem sobre o PKK. Mesmo que numerosos jornalistas pareçam distinguir a diferença entre os curdos e o PKK, ou seja, não confundido as ideias do PKK com as da totalidade do povo curdo, quando os jornalistas falam do PKK, tendem a utilizar uma linguagem guerreira que só não descreve mas incentiva o conflito. Sobretudo, quando as autoridades usam a força armada para combater o PKK, os jornalistas tendem a justificar as operações estatais, apesar da violência utilizada.

É interessante notar, também, que não foi encontrado nenhum artigo que criticasse directamente o actual governo de Erdogan. Muitas peças avaliam as políticas de Erdogan sobre as questões curdas em relação aos direitos humanos e às identidades, criticando as políticas dos governos anteriores especialmente a repressão ao povo curdo. Mas, raramente se vêem críticas sobre as operações militares da autoridade actual. Parece, através desta pesquisa, que os jornalistas ou as autoridades tendem a achar que as actuais utilizações de força são compensadas pelas reformas e reconhecimentos das identidades do povo curdo. Verificámos também que ainda existe, a censura na área da publicação, publicidade e *media*.

Uma dos resultados mais surpreendentes da pesquisa efectuada é o facto dos artigos em inglês não terem sido encontrados na versão turca, especialmente os artigos do jornal *Today's Zaman*. Julgamos que a razão de não existirem as versões turcas se deve ao facto destes artigos servirem meramente para causar impressões positivas, da Turquia, publicitando como estão a ser feitos esforços para melhorar os direitos humanos das minorias. Também, pode ser para não irritar alguns leitores turcos que se opõem às reformas para as minorias. Com o objectivo de esclarecer esta dúvida, a autora fez uma pequena entrevista ao jornal *Zaman*. As respostas serão apresentadas, no parágrafo seguinte.

A entrevista foi realizada por telefone, no dia 17 de Fevereiro de 2012. O jornalista do *Today's Zaman*, Edib Yilmaz, respondeu a algumas questões colocadas pela autora.

-Porque é que alguns artigos escritos sobre os curdos não estão na versão turca?

Cada versão (versão turca e inglesa) têm um alvo comercial diferente. Por isso, os conteúdos não são sempre iguais.

-Today's Zaman aponta para leitores estrangeiros?

Sim, mas não só para estrangeiros. Também, os turcos.

-Estou a fazer uma pesquisa da situação mediática sobre os curdos na Turquia. Há alguma restrição indicada ou pressão pelo governo sobre o assunto quando escrevem os artigos?

Não. Mas existe uma só restrição. Não podemos escrever um artigo que apoie os terroristas, ou seja o PKK.

-Pode dizer qual é tipo de texto que poderia ser considerado como "apoio" do PKK?

Por exemplo, não podemos escrever que "Os terroristas são heróis". Mas a parte disso, não temos nenhuma restrição. Somos cem por cento livres. Podemos mesmo criticar o governo. Podemos defender os direitos dos curdos, também.

-Percebi. Qual é a posição do vosso jornal em relação às operações militares do governo actual?

Nós promovemos o diálogo civil. Claramente, essas operações não podem sacrificar os cidadãos e residentes ordinários.

-Mas podem criticar essas operações no jornal?

Claro. Não há nenhum problema.

O jornalista responde que não há nenhuma restrição para criticar o governo nem escrever sobre os curdos. No entanto, não se pode negar o fato que os artigos escritos sobre as questões curdas não aparecem como na versão inglesa. Talvez, o assunto do povo curdo não seja ainda tão aberto dentro da Turquia, comparando com a forma como é tratado para os leitores internacionais. Esta pequena entrevista, não é suficiente para revelar e verificar a realidade do jornalismo turco actual em relação aos turcos. Durante o meu estágio, também, tentei falar sobre as questões curdas com os turcos. Mas não é fácil compreender a verdadeira situação porque não se percebe

quando é que as pessoas estão a falar sinceramente, ou quando têm medo de exprimir as ideias (esta questão será apresentada com detalhe no último capítulo). Neste sentido, precisaríamos de uma pesquisa mais profunda. Sobre este ponto, nós debruçaremos mais em particular se detectarmos alguma censura oficial praticada pelas autoridades turcas sobre os artigos dos *media* curdos. Esta análise será feita na próxima parte.

Parte III. Análise da Situação Mediática à volta dos Curdos

III. 1. Os *Media* Curdos Analisados

Os artigos analisados nas secções anteriores mais a pequena entrevista conduzida que realizámos, não são suficientes para compreender profundamente a forma como o jornalismo turco trata as questões curdas hoje em dia. Os *media* turcos tendem a apresentar o ponto de vista dos turcos e do governo Erdogan e indicam que as questões curdas são resolvidas, quase sempre, de forma pacífica. No entanto, a situação parece diferente quando analisamos a questão do ponto de vista das fontes de informações curdas. Nesta parte, analisaremos duas agências de imprensa curdas. De modo a obter dados o mais abrangentes possível foram escolhidas uma agência curda que opera na Turquia (a *Diha Dicle Haber Ajansı*) e uma agência que opera fora da Turquia (a *Ajansa Nûçeyan a Firatê*).

A primeira agência, a *Diha Dicle Haber Ajansı* publica as notícias em inglês, curdo e turco. Começou a operar em Abril de 2002. Tem escritórios nas maiores cidades turcas tais como Istambul, Ancara, Izmir, Van e Diyarbakır e, o seu estatuto editorial diz que a agência valoriza os direitos humanos e a liberdade de expressão sem diferenciar a etnia, língua, religião e género sexual. No sítio internet da *Diha Dicle Haber Ajansı* (*DiHA*), podemos ler as notícias em inglês, no entanto, não podemos ler as versões curda e turca sem estarmos registados e procedendo a pagamentos. A *Ajansa Nûçeyan a Firatê* (nas partes seguintes, será denominada de “*ANF*”) opera em diversos lugares. Os seus jornalistas encontram-se na Holanda, França e Itália, mas não sabemos onde está localizado o escritório principal. Consideramos que a razão desta não-revelação se deve ao risco de poder ser perseguida e ser condenada pelas autoridades turcas. O seu sítio da internet apresenta as notícias em curdo, inglês, turco, árabe, persa e sorâni. Neste sítio, em nenhuma dessas línguas é limitado o acesso aos leitores, porém, o acesso a este sítio é bloqueado na Turquia⁸³. Outra diferença entre estes dois *media* é que a *DiHA* apresenta artigos relativamente curtos e a *ANF* apresenta reportagens mais detalhadas. O facto de nem todas as pessoas poderem ter acesso às notícias publicadas pela *DiHA* significa que existem limites ao trabalho da agência curda na Turquia. A razão desta limitação no acesso ao serviço da agência não

é conhecida nem pública. A autora contactou e perguntou a razão à agência, mas não obteve nenhuma resposta.

Muitos *media* curdos existem não só em curdo, mas também em turco, árabe, persa, sorâni ou zaza hoje em dia no mundo. Porém, os *media* curdos que operam na Turquia ainda têm dificuldade em funcionar com liberdade de expressão. Neste capítulo, através da análise ao serviço destas duas agências, gostaríamos de esclarecer a situação dos *media* curdos na Turquia mais em detalhe.

III. 2. O jornalismo Curdo na Turquia e os Factos não Conhecidos

III. 2. 1 O jornalismo curdo sem liberdade de expressão

Através da análise dos artigos publicados nos sítios das agências acima referidas, obtiveram-se informações que não foram noticiadas pelos outros *media* turcos. Segundo a notícia da ANF (3 de Junho de 2011)⁸⁴ e do relatório do *Insan Hakları Derneği* (Associação dos Direitos Humanos)⁸⁵, 7.100 pessoas estiveram sob custódia em 2010 e 1.599 pessoas foram presas por delitos de opinião. Além disso, vinte e duas foram assassinadas pelas polícias. Foram também registadas cem execuções (penas de morte) extra-judiciais. 413 pessoas morreram na prisão (em 2009 foram 319 pessoas) e 1.349 foram sujeitas a maus tratos e a tortura pelos polícias e pelos empregados das autoridades judiciais (Tabela 3).

Tratamento pelas autoridades	Número de pessoas
Custódia	7.100
Prisão	1.599
Assassinatos pelas polícias	22
Execuções extra-judiciais	100
Morte na prisão	413
Tortura e maus tratos	1.349

Tabela 3. O somatório das vítimas da liberdade de expressão na Turquia em 2010
(Fonte: *Insan Hakları Derneği*, 2010)

As autoridades tentam limitar a liberdade de expressão não só aos cidadãos mas também aos *media*. Neste sentido foram proibidos ou confiscados dez cartazes, oito bandeiras publicitárias, três livros e um calendário. Cinco jornais e quatro revistas foram apreendidos, respectivamente oito e dez vezes. Doze estações de televisão receberam os avisos de que as suas transmissões podem ser suspensas (por terem conteúdos que as autoridades não admitem) e seis televisões tiveram por oito vezes suspensos os seus programas televisivos. O governo continuou a pressionar as instituições políticas, as organizações mediáticas, os centros culturais, que totalizam 105 entidades. Onze partidos políticos e associações foram fechados ou correram o risco de ser fechados. Segundo o relatório, a violação dos direitos humanos na Turquia piorou nos últimos anos. O número de pessoas que estavam nas prisões (no fim de 2009) era de 116,340 mas aumentou até 12474 em Abril de 2011. Segundo Ministério de Justiça Turco, 438 foram acusados por efectuar tortura em 2008 e, este número aumentou para 707 pessoas em 2009. 18,859 pessoas foram presas por terem resistido à polícia em 2008 e o número aumentou para 22,195 pessoas em 2009.

III. 2. 2 As detenções e sentenças continuadas

Durante o período tomado em consideração para análise, todos os dias verificámos existirem na *AFN*, notícias reportando as detenções de curdos ou de pessoas ligadas ao povo curdo pelas autoridades turcas. O governo turco continua a prender cidadãos pelo facto de terem uma ligação ao PKK. Entre os detidos incluem-se, também crianças.

O artigo da *DiHA* (10 de Maio de 2011)⁸⁶ explica que 232 pessoas, incluindo 5 crianças, foram detidas por quatro meses no decurso de operações políticas (as operações pelas autoridades turcas para controlar as activistas que consideram apoiar a “propaganda de terroristas”) governamentais contra KCK (União Comunitária Curda, uma organização fundada por Abdullah Öcalan)⁸⁷. O governo começou estas operações em 2009 e deteve 2000 pessoas até aos dias de hoje. No total das pessoas detidas, cento e cinquenta e uma ficaram mesmo presas. O artigo sublinha que esses detidos não tiveram um processo normal de justiça, ou seja, um julgamento e outros ficaram em prisão preventiva durante dezoito meses até o início do julgamento. O

governo turco usa a “Lei Anti-Terror” e o “Código Penal” para condenar as pessoas que apoiam o povo, a identidade e a cultura curdos. Centenas de manifestantes que apoiam as actividades que reivindicam os direitos dos curdos são identificados como tendo uma ligação com o PKK⁸⁸. Os condenados são normalmente militantes curdos, estudantes, políticos e jornalistas.

Segundo o artigo da ANF (28 de Abril de 2011)⁸⁹, dois estudantes universitários foram condenados a mais de dez anos de prisão. A razão da sentença é o facto desses dois estudantes terem participado numa manifestação organizada reivindicando o direito a terem educação nas suas línguas maternas. A justiça turca justificou a sentença por estarem a “fazer propaganda para uma organização ilegal e por “impedir a educação””. Os estudantes manifestaram-se com os slogans em turco e curdo, dizendo: “Ensino igual e científico em língua materna” ou “A opressão não pode pararnos”. Para o pedido de ensinar as línguas curdas nas instituições escolares públicas, o Partido para a Paz e da Democracia (BDP) recolheu um milhão de assinaturas. Com essas assinaturas, BDP pediu ao governo turco que autorize o ensino das línguas curdas nas regiões do este e sudeste. Todavia, este pedido foi recusado.

A questão das línguas curdas é uma das principais motivos para a maioria das detenções efectuadas pelas autoridades na Turquia. Um evento importante para os curdos, é o Nowroz (Ano Novo para os curdos), e provoca todos os anos conflitos entre o povo curdo e as autoridades. Para celebrar o Nowroz, os curdos precisam da de permissão do governo. Mesmo que seja permitido, às vezes, as autoridades anulam ou proíbem a festa. Quando o BDP escreveu o cartaz para o Nowroz em 4 línguas, ou seja, turco, curdo, árabe e sírio, dezoito directores e membros do BDP foram julgados. Mas não só os membros do BDP foram penalizados. Também, centenas de oficiais das câmaras municipais que escreveram alguns documentos em curdo e turco foram condenados devido à utilização da língua curda publicamente.

III. 2. 3. Os jornalistas arriscam a vida

Ainda hoje, parece que os jornalistas na Turquia não trabalham em segurança. Isto é evidente para os jornalistas curdos, mas também os jornalistas turcos são alvo de perseguição e detenção⁹⁰. Apesar da resposta do jornalista Edib Yilmaz (cuja

entrevista apresentámos no fim da segunda parte), os jornalistas têm que ter muita cautela quando escrevem sobre os curdos. Uma organização que desenvolve o seu trabalho em defesa dos direitos humanos, a *Human Rights Watch* declarou no seu relatório (*Human Rights Watch, 2010*)⁹¹ que as notícias sobre os julgamentos podem ser acusadas de “tentar influenciar o processo judicial” e as reportagens sobre PKK podem ser condenadas por difundir “a propaganda do terrorista”. Segundo esta investigação, a Turquia não está a fazer progressos significativos em relação à liberdade de expressão e de imprensa. Em 2010, um editor do jornal quotidiano curdo, *Azadiya Welat*, foi condenado à pena de 166 anos de prisão. A razão dessa sentença foi a violação da Lei Anti-Terror por difundir a “propaganda terrorista”. Em Dezembro de 2010, a directora do mesmo jornal, Emine Demir, foi condenada a 138 anos de prisão pela mesma razão. Um outro editor de um jornal curdo, Ozan Kilinc, também recebeu uma sentença de 21 anos na prisão. As editoras de uma revista publicada em turco e curdo, também, foram condenadas a uma pena de prisão que pode ir de um e a vinte anos no máximo⁹².

Em 2009, o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos exigiu à Turquia o pagamento de mais de 40.000 euros (a vinte jornalistas turcos) como indemnização por terem sido violados os seus direitos profissionais de vinte jornalistas. Apesar disso as condenações dos jornalistas na Turquia não param. Segundo os Repórteres sem Fronteiras, até hoje, os jornalistas na Turquia estão condicionados quando se trata de cobrir os assuntos relacionados com o PKK e os curdos. Em geral, os assuntos mais arriscados são os seguintes⁹³: as manifestações do povo curdo, os acessos aos sítios bloqueados pelo governo ou relacionados com os curdos e utilização de entrevistas a membros do PKK. Os jornalistas que escrevem sobre estes tópicos podem ser condenados pelas autoridades pela violação do Artigo 7 (2) da Lei 3713, Lei Anti-Terror⁹⁴, que proíbe a “difusão da propaganda dos terroristas”. As vítimas da liberdade de expressão não são só os curdos, mas também, os jornalistas turcos dos maiores jornais, tal como o *Taraf* e o *Radikal*. Os casos que aconteceram em 2011 incluem a prisão de jornalistas por mais de sete anos. Outras leis que colocam obstáculos à actividade dos jornalistas são os artigos 301 e o 288 do Código Penal⁹⁵. O primeiro proíbe a difamação pública do governo e de todo o Estado turco. As proibições incluem

a difamação pública do estado turco por um cidadão turco no estrangeiro, e neste caso, a punição será um terço mais pesada do que aconteceria num caso normal⁹⁶. O artigo 288 proíbe a “interferência judicial”. Em 2006, oito autores literários e jornalistas foram levados a tribunal na Turquia⁹⁷. Com base nesta lei, o detentor do Nobel da Literatura turco, Orhan Pamuk foi julgado devido à forma como argumentou sobre o genocídio armênio e foi multado em 6.000 liras turcas. Um jornalista turco-armênio, Hrant Dink, e o linguista americano, Noam Chomsky foram considerados culpados por terem violado o artigo 301 do Código Penal⁹⁸. Além disso, o artigo 215, do mesmo Código Penal, condena o acto de “aplaudir um transgressor”. Um exemplo de aplicação desta lei é o caso do jornalista, Saadet Irmak, proprietário e director da revista *Yeni Yorum* e do jornal *Ülkede Yorum*. Irmak incluiu na sua revista entrevistas ao PKK. Os Repórteres sem Fronteiras e a Amnistia Internacional criticam as normas que impedem a liberdade de expressão e, a liberdade de imprensa e exigem a abolição destas leis⁹⁹.

III. 2. 4. A censura oficial do governo turco

O governo Erdogan parece evoluir na resolução dos problemas com os curdos, no entanto, intensificou a censura aos *media* em Outubro de 2011. Segundo a informação divulgada pelos Repórteres sem Fronteiras, no dia 21 de Outubro, o primeiro-ministro Erdogan chamou os proprietários dos principais *media* da Turquia e pediu-lhes para “mostrarem moderação nos seus artigos sobre os conflitos, para considerarem as consequências e para evitarem transmitir a propaganda do PKK”. O despacho do governo diz¹⁰⁰: “é necessário agir conforme de acordo com as proibições, impostas às publicações, decretadas pelas autoridades competentes [turcas]” e “Unidade e solidariedade sociais têm que ser tomadas em conta quando os *media* turcos escolhem reportagens e fotografias para transmitir aos utentes”.

Um outro caso notável é o de Ahmet Altan, director do jornal *Taraf*, que foi condenado a dois anos e oito meses de prisão¹⁰¹ por ter criticado o primeiro-ministro turco, que “destruiu” (a autoridade turca utilizou esta expressão mas a explicação de como foi “destruída” não foi feita) um estátua simbolizando a reaproximação entre a Turquia e a Arménia, nos seus artigos em Janeiro de 2011. A sentença julgou-o por ter “ofendido a pessoa do primeiro-ministro”.

Na entrevista que realizámos no capítulo anterior, o jornalista do *Today's Zaman*, Edib Yilmaz disse que não há nenhuma directiva por parte do governo aos jornalistas. No entanto, parece evidente que os jornalistas na Turquia confrontam-se com grandes riscos no desenrolar de sua profissão.

III. 3. O que os *Media* Curdos Fornecem?

III. 3. 1. As informações escondidas

Os *media* curdos oferecem numerosas informações não transmitidas nos *media* turcos fornecendo formas para conhecer o outro lado da sociedade turca. Para compreender a situação do povo curdo, os *media* curdos indicam fontes que providenciam as informações detalhadas. Nesta secção, verificar-se-á quais são características nos *media* curdos, especialmente, quando falam dos conflitos com o governo turco. A autora realça que os artigos dos *media* curdos relacionados com os conflitos têm uma característica diferente dos restantes artigos apresentados na secção precedente. A grande diferença que os *media* curdos têm, quando comparados com os turcos, é que noticiam os números das vítimas curdas ou de membros do PKK. Os *media* turcos não informam quantas pessoas do PKK são feridas ou morrem durante os confrontos.

No dia 17 de Agosto de 2011, o governo Erdogan começou uma ofensiva através da força aérea turca. Quando começou esta operação, estava na Turquia e, todos os dias, assistiu aos ataques nas montanhas no sudeste da Turquia através dos relatos televisivos. Esta operação foi alargada até a região perto da fronteira do Iraque onde, segundo o governo turco, estavam escondidos os militantes do PKK. Segundo a notícia da *DiHA*, pelo menos sete aldeias ficaram desertas¹⁰². Estas zonas estão sob administração do governo curdo do Iraque (o Curdistão iraquiano, uma região federal autónoma) e é estranho que a Turquia possa atacar uma região doutro país dessa forma. Deste o início da operação, foram bombardeados quatrocentos e cinquenta e sete lugares em apenas três dias. Segundo o artigo da *ANF* (31 de Agosto de 2011), estas operações continuaram (com alguns dias de intervalo) durante duas semanas sete cidadãos, incluindo quatro crianças, morreram na sequência de um ataque da aviação militar turca¹⁰³.

III. 3. 2. Ao que apontam os *media* curdos?

Depois da análise que realizámos aos artigos dos *media* curdos, verificou-se que estes criticam o governo turco e os turcos, porém, a maior parte dos artigos analisados relacionavam-se com assuntos culturais ou com os direitos humanos mas não com a independência da Turquia. Na Turquia, as transmissões televisivas põem sobretudo ênfase nas imagens dos curdos armados, principalmente do PKK quando falam dos curdos. Os curdos são uma minoria e não têm a força militar comparável à dos militares nacionais turcos. Por isso, os jornalistas dos *media* curdos que analisámos anteriormente têm a tendência para procurar esclarecer a situação através de outros pontos de vista para chamar a atenção da sociedade internacional. Numerosos artigos criticam o governo turco por este ter utilizado as forças militares para bombardear as regiões do sudeste mas, não fomentam um conflito com as autoridades turcas. Um exemplo disso é o artigo da *DiHA* (3 de Maio de 2011)¹⁰⁴ relata o fim do cessar-fogo por parte do PKK. O jornalista sublinha que o PKK declarou o cessar-fogo mas não teve intenção de atacar e manteve a posição de “auto-defesa”. Além disso, explicou em detalhe os pormenores de cada situação.

No entanto, alguns artigos que falam do PKK tendem a representar as vozes do PKK e não se percebe quais são as citações e quais são as observações dos jornalista. Assim falta objectividade no artigo já que não percebemos o que é a citação e o que é o comentário do jornalista. O artigo intitulado *O PKK anunciou o fim do cessar-fogo unilateral* (1 de Março de 2011)¹⁰⁵ mostra só as palavras do KCK (União Comunitária Curda) e não distingue nem as citações nem as explicações do jornalista. Este género de característica é significativa nos artigos da *DiHA*. Comparando com os artigos da *ANF*, assumimos que isto é para existirem menos possibilidades de censura por parte das autoridades. Isto é porque a *DiHA* opera na Turquia e tem possibilidade de ser controlada pelas autoridades. Por esta razão, os artigos da *DiHA* tendem moderar as suas críticas contra as autoridades. Pelo contrário, *ANF* é mais directo por ser localizada fora da Turquia.

O último ponto a salientar é que os *media* turcos tendem a dividir os sujeitos do problema em duas partes: os curdos e os turcos, mas, os *media* curdos descrevem, em geral, os sujeitos do problema identificando o PKK, os curdos e as autoridades turcas.

Não generalizam uma observação e evitam dividir os sujeitos do conflito em “nós e inimigo” que é um dos elementos do jornalismo de guerra. Deste ponto de vista, os curdos são ideologicamente menos unidos, dado que, entre os curdos, existem diversas etnias e as suas opiniões não estão unificadas.

De acordo com as análises precedentes, os *media* turcos ainda não asseguram a liberdade de expressão e as informações imparciais. Por isso, para perceber as questões curdas e das minorias, será fundamental compará-las com os *media* turcos e com as outras fontes de informações fornecidas pelos *media* curdos.

Parte IV: Conclusões e Discussões

Através da análise dos numerosos artigos publicados pelos *media* turcos, concluímos que os *media* turcos, hoje em dia, discutem as questões curdas de forma mais aberta do que há dez anos. O actual governo do Partido AK reconheceu oficialmente a existência do povo curdo e está a mostrar uma atitude positiva dando passos significativos para o reconhecimento dos seus direitos humanos e da identidade do povo curdo. Se pensarmos que não era possível pronunciar a palavra “curdo” há dez-vinte anos, isto é um grande progresso no sentido de um país democrático. No entanto, as autoridades ainda colocam censuras aos *media* e muitas informações não são ainda reportadas dentro da Turquia. O governo impõe limites à publicação nos maiores *media* turcos e as autoridades continuam a prender políticos, editores, jornalistas e activistas que procuram publicar as opiniões dos curdos. Assim, os cidadãos turcos ainda recebem informações muito limitadas e parciais e não podendo por isso julgar correctamente as questões existentes no país. Por esta razão, os cidadãos turcos tendem a alimentar os preconceitos já existentes e a manter o sentido de oposição contra curdos e restantes minorias.

Durante a estadia (no mês de Agosto de 2011) que efectuámos na Turquia, tentámos falar com diversas pessoas sobre as questões curdas. Uma estudante turca, Burcu (o nome é anónimo devido à preferência da pessoa em não ser identificada) disponibilizou-se para expor a sua visão sobre os curdos na Turquia durante uma conversa de café. Enquanto falava connosco, ela baixou a sua voz e manifestava-se preocupada com as pessoas à volta. Afirmou-nos: “Ainda hoje, a Turquia tem um grande problema com os curdos. Não há um ambiente onde possamos falar abertamente. Eu não consigo falar com os meus amigos sobre os direitos humanos dos curdos. Os jornalistas não podem criticar o governo ou defender os direitos dos curdos. Esta é a realidade”. Para além disto, contactámos com um jornalista da ANF na Europa, um outro da *DiHA* na Ancara, e uma associação curda, *Kürd-der* (Ancara). Perguntámos sobre a situação mediática da Turquia, no entanto, o jornalista da ANF preferiu não responder à questão e, não obtivemos nenhuma resposta da associação

Kürd-der nem da *DiHA*. Depois de regressarmos a Portugal, o sítio internet da *Kürd-der* deixou de estar disponível¹⁰⁶.

Os *media* curdos existem em número limitado na Turquia e os seus responsáveis enfrentam o perigo de serem presos e condenados pelas autoridades. As informações publicadas nos jornais, nas televisões, nas revistas, nos livros e nos sítios internet não podem, na realidade, criticar o governo e o primeiro-ministro nem ostentar as palavras de uma organização. O governo e a União Europeia definem o PKK como uma organização terrorista, porém, citar testemunhos e incluir as entrevistas são operações essenciais do jornalismo mesmo que se trate de uma organização “terrorista”. Na Turquia, no entanto, citar as organizações que o governo considera “ilegais” é uma violação das leis. As autoridades turcas dispõem de leis com que podem acusar os jornalistas, por “difundir as propagandas dos terroristas”, “influenciar os processos judiciais” ou “insultar o primeiro-ministro/o governo/os turcos”. Essas leis impedem que as informações correctas e imparciais sejam publicadas. As autoridades prendem e acusam as pessoas que publicam informações não favoráveis para o governo, e por isso, os *media* têm medo de criticar a política do governo. Neste ciclo, cada vez mais, os cidadãos recebem informações erradas e superficiais. Esta “ditadura da desinformação” alimenta os preconceitos já existentes no público, e assim os conflitos étnicos tornam-se mais difíceis de serem resolvidos.

Muitos conflitos existentes, hoje em dia, no mundo devem-se a mal-entendidos e aos preconceitos criados pela informação parcial. O problema entre os curdos e os turcos também tem sido deturpado durante muito tempo devido à existência da censura nos *media* e no ensino. A Turquia está a procurar desenvolver a sua posição como um país democrático entre a Europa e a Ásia. Como negociante diplomático no Médio Oriente, também, conseguiu uma importância significativa. No entanto, dentro do seu território, ainda existem muitas questões por resolver com as minorias. Os direitos humanos, a identidade e a língua são coisas ainda insuficientes e incertas para os curdos e outras minorias.

Os *media* curdos existem, mas não têm a influência necessária para fazerem ouvir a sua voz no mundo, sobretudo tendo em conta a censura rigorosa do governo turco. Para alcançar a estabilidade socio-política do país, o ideal é que turcos e curdos

procurem uma plataforma onde possam discutir as questões curdas abertamente através dos *media*. Para fazer isso, será necessário de criar um espaço mediático em que todos os cidadãos na Turquia (ambos, turcos e minorias) possam aceder a várias fontes de informação independentes e conhecer a situação real. Um dos papeis importantes dos *media* é informar o povo correctamente e sem distorção. Conseguindo ter isso, talvez se possam encontrar vias para melhorar os conflitos políticos e étnicos.

REFERÊNCIAS

- ¹ TÜRKİYE RADYO TELEVİSYON (2008), “Enthusiasm for TRT 6”. Disponível em: <<http://www.trt.net.tr/International/newsDetail.aspx?HaberKodu=3e844f94-063a-4bc2-a007-176e18708c7d>>. [Consultado: 16-8-2011]
- ² TÜRKİYE RADYO TELEVİSYON (2008), “Enthusiasm for TRT 6”. Disponível em: <<http://www.trt.net.tr/International/newsDetail.aspx?HaberKodu=3e844f94-063a-4bc2-a007-176e18708c7d>>. [Consultado: 16-8-2011]
- ³ KOJIMA, Goichi (1991), *Toruko no mouhitotsu no kao*, Tokyo, Chuukou Shinsho, p.32.
- ⁴ MİLLİYET (2007), “55 milyon kişi 'etnik olarak' Türk”. Disponível em: <<http://www.milliyet.com.tr/2007/03/22/guncel/agun.html>>. [Consultado: 20-8-2012]
- ⁵ RADİKAL (2005), “‘Andımız' tartışılmaz mı?”. Disponível em: <<http://www.radikal.com.tr/Radikal.aspx?aType=RadikalDetayV3&ArticleID=758625&Date=22.06.2011&CategoryID=99>>. [Consultado: 20-8-2012]
- ⁶ KOJIMA, Goichi (1991), *Toruko no mouhitotsu no kao*, Tokyo, Chuukou Shinsho, p.59.
- ⁷ MATSUURA, Noriko (2003), *Kurdistan wo tazunete*, Tokyo: Shinsensya, p. 61.
- ⁸ TODAY'S ZAMAN (2011), “Ex-minister Ensarioğlu: BDP does not represent all Kurds”. Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/news-232544-ex-minister-ensarioglu-bdp-does-not-represent-all-kurds.html>>. [Consultado: 28-2-2012]
- ⁹ MİLLİYET (2007), “55 milyon kişi 'etnik olarak' Türk”. Disponível em: <<http://www.milliyet.com.tr/2007/03/22/guncel/agun.html>>. [Consultado: 20-8-2012]
- ¹⁰ KONDA Araştırma ve Danışmanlık (2010), “Kürt Meslesini Yeniden Düşünmek”. Disponível em: <http://www.konda.com.tr/tr/raporlar/2010_12_KONDA_Kurt_Meselesini_Yeniden_Dusunmek.pdf>, p. 19. [Consultado: 20-1-2012]
- ¹¹ TODAY'S ZAMAN (2011), “Ex-minister Ensarioğlu: BDP does not represent all Kurds”. Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/news-232544-ex-minister-ensarioglu-bdp-does-not-represent-all-kurds.html>>. [Consultado: 28-2-2012]
- ¹² AZİZ, Namo (2000), *Kurdistan, Storia di un Popolo e della sua Lotta con un Saggio di Abdullah Ocalan*, Roma, Manifestolibri Srl., p.57.
- ¹³ KONDA Araştırma ve Danışmanlık (2010), “Kürt Meslesini Yeniden Düşünmek”. Disponível em: <http://www.konda.com.tr/tr/raporlar/2010_12_KONDA_Kurt_Meselesini_Yeniden_Dusunmek.pdf>, p. 19. [Consultado: 20-1-2012]
- ¹⁴ KOJIMA, Goichi (1991), *Toruko no mouhitotsu no kao*, Tokyo, Chuukou Shinsho, p.65.
- ¹⁵ Nesta pesquisa, considerou-se que as línguas relacionadas com o povo Curdo não são únicas, pelo que serão representadas no plural.

- ¹⁶ TÜRKİYE RADYO TELEVİSYON (2008), “Enthusiasm for TRT 6”. Disponível em: <<http://www.trt.net.tr/International/newsDetail.aspx?HaberKodu=3e844f94-063a-4bc2-a007-176e18708c7d>>. [Consultado: 16-8-2011]
- ¹⁷ DÜNYA TV (2010), “Hakkımızda”, Disponível em: <<http://dunyatv.com.tr/tr/shf.asp?SID=2>>. [Consultado: 16-8-2012]
- ¹⁸ KOJIMA, Goichi (1991), *Toruko no mouhitotsu no kao*, Tokyo, Chuukou Shinsho, p.60.
- ¹⁹ KOJIMA, Goichi (1991), *Toruko no mouhitotsu no kao*, Tokyo, Chuukou Shinsho, p.60.
- ²⁰ O nome deste sociólogo turco não é especificado no livro de Kojima.
- ²¹ BBC EUROPE NEWS (2011), “Turkish singer Ibrahim Tatlıses shot in head in attack”, Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-12730390>>. [Consultado: 5-2-2012]
- ²² Kaliteli Hayat (2011), “İbrahim Tatlıses vuruldu. Ölüm tehlikesi ile karşı karşıya!”. Disponível em: <<http://www.kalitelihayat.com/haber/ibrahim-tatlıses-vuruldu.-olum-tehlikesi-ile-karsi-karsiya--137555.htm>>. [Consultado: 21-3-2012]
- ²³ HANITZSCH, Thomas (2004), “Journalists as Peacekeeping Force? Peace journalism and mass communication theory”, *Journalism Studies*, Vol.5, No.4, pp. 483-495.
- ²⁴ KEMPF, Wilhelm (2003), “Peace journalism: A tightrope walk between advocacy journalism and constructive conflict coverage”, *Conflict & Communication Online*, Vol. 6, No. 2, pp.8.
- ²⁵ MEDYATAVA (2012), “Gazete Net Satışları”, Disponível em: <<http://www.medyatava.com/tiraj.asp>>. [Consultado: 6-2-2012]
- ²⁶ KOÇ, İlyas (2011), “Turkey says ‘no’ to ‘otherification’ based on ethnicity, survey shows”. Disponível em: <http://www.todayszaman.com/mobile_detailn.action?newsId=234972>. [Consultado: 5-2-2012]
- ²⁷ MATSUURA, Noriko (2003), *Kurdistan wo tazunete*, Tokyo: Shinsensya, p. 84.
- ²⁸ KONDA Araştırma ve Danışmanlık (2010), “Kürt Meslesini Yeniden Düşünmek”. Disponível em: <http://www.konda.com.tr/tr/raporlar/2010_12_KONDA_Kurt_Meselesini_Yeniden_Dusunmek.pdf>. [Consultado 20-1-2012]
- ²⁹ BAYDAR, Yavuz (2011), “Can ‘Kurdish divorce’ be averted?”. Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/columnist-246290-can-kurdish-divorce-be-averted.html>>. [Consultado: 15-8-2011]
- ³⁰ KOJIMA, Goichi (1991), *Toruko no mouhitotsu no kao*, Tokyo, Chuukou Shinsho, p.127.
- ³¹ MATSUURA, Noriko (2003), *Kurdistan wo tazunete*, Tokyo: Shinsensya, p. 118-122.
- ³² MATSUURA, Noriko (2003), *Kurdistan wo tazunete*, Tokyo: Shinsensya, p. 236.
- ³³ KOÇ, İlyas (2011), “Gazete okuru, Türk-Kürt ayrışmasına inanmıyor”. Disponível em: <<http://www.zaman.com.tr/haber.do?haberno=1091504>>. [Consultado: 5-2-2012]
- ³⁴ Aconteceram vários massacres provocados pelas autoridades no sudeste do país, por exemplo na província de Dersim (a presente província de Tunceli) em 1938; na cidade de Kahramanmaraş em 1978; na província de Van em 1930.

- ³⁵ KOJIMA, Goichi (1991), *Toruko no mouhitotsu no kao*, Tokyo, Chuukou Shinsho, p.59.
- ³⁶ CİHAN (2011), “İnternete ses kaydı düşen Albay İsmail Ekici, Antalya’ya veda etti”. Disponível em: <<http://www.turkiyegazetesi.com.tr/HaberDetay.aspx?haberid=502075>>. [Consultado: 11-8-2012]
- ³⁷ THE ECONOMIST (2011), “Gandhi's rise”. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/18621453>>. [Consultado: 11-8-2012]
- ³⁸ TODAY’S ZAMAN (2011), “CHP banners in Zaza removed ahead of party rally in Tunceli”. Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?load=detay&newsId=244507&link=24445>. [Consultado: 11-8-2012]
- ³⁹ O significado do termo “Curdo de Alevi” é controversa e não tem uma definição muito clara. Alevi é uma religião, e Curdo é um etnia. Assim, significa um Curdo que acredita na religião Alevi.
- ⁴⁰ CİHAN (2011), “CHP'nin Zazaca afişleri kaldırıldı”. Disponível em: <<http://www.zaman.com.tr/haber.do?haberno=1136248&keyfield=7A617A61>>. [Consultado: 11-8-2012]
- ⁴¹ TODAY’S ZAMAN (2011), “CHP banners in Zaza removed ahead of party rally in Tunceli”. Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?load=detay&newsId=244507&link=24445>. [Consultado: 11-8-2012]
- ⁴² Entre 1936-1939 (algumas fontes dizem entre 1937-1939), o exército turco suprimiu insurreções do povo de Dersim (actualmente, a província chama-se Tunceli). A maioria do povo de Dersim pertence à religião “Alevi” e fala a língua dersim. Por isso, durante o período do Império de Otomano, as aldeias nesta província mantiveram a independência. Mas depois da fundação da República da Turquia, Atatürk conduziu uma campanha da integração dessas aldeias na República da Turquia. Depois do massacre, o governo turco mudou o nome da província de Dersim para Tunceli (Dersim é uma palavra dersim mas Tunceli é uma palavra turca). Entre 17 dias, 7954 pessoas da província foram assassinadas e cerca de dez por cento da população da Tunceli morreu (Fonte: Van Bruinessen, M. (1994), *“Genocide in Kurdistan? The suppression of the Dersim rebellion in Turkey and the chemical war against the Iraqi Kurds”*, University of Pennsylvania Press.
- ⁴³ KOJIMA, Goichi (1991), *Toruko no mouhitotsu no kao*, Tokyo, Chuukou Shinsho, p.78.
- ⁴⁴ RADİKAL (2011), “En sonunda bu da oldu!”. Disponível em: <<http://www.radikal.com.tr/Radikal.aspx?aType=RadikalDetayV3&ArticleID=1060104&CategoryID=82>>. [Consultado: 16-8-2012]
- ⁴⁵ BASKIN, Oran (2011), “The issue of “Turkish” and “Türkiyeli” (Turkey National; from Turkey)”. Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?newsId=232143>. [Consultado: 16-8-2012]
- ⁴⁶ AZİZ, Namo (2000), *Kurdistan, Storia di un Popolo e della sua Lotta con un Saggio di Abdullah Ocalan*, Roma, Manifestolibri Srl., p.54.
- ⁴⁷ A ideologia política do Mustafa Kemal Atatürk, que define as características da República da Turquia.

⁴⁸ Leyla Zana foi nomeada para o Nobel da Paz em 1994 e 1998 por ter lutado para proteger os direitos humanos do povo Curdo.

⁴⁹ KART, Emine (2011), “Zana doesn't need an intermediary to explain herself “. Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/news-244865-zana-doesnt-need-an-intermediary-to-explain-herself.html>>. [Consultado: 16-2-2012]

⁵⁰ TODAY'S ZAMAN (2011), “Kurdish to be offered as elective course at universities”. Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?load=detay&link=163330>. [Consultado: 16-2-2012]

⁵¹ COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES (2006), *Commission Staff Working Document, Turkey 2006 Progress Report*, COM(2006) 649 final. Disponível em: <http://ec.europa.eu/enlargement/pdf/key_documents/2006/Nov/tr_sec_1390_en.pdf>.

⁵² SCHLEIFER, Yigal (2005), “Opened with a flourish, Turkey's Kurdish-language schools fold”. Disponível em: <<http://www.csmonitor.com/2005/1005/p07s02-woeu.html>>. [Consultado: 16-2-2012]

⁵³ EĞRİKAVUK, Işıl (2010), “Class time for a 'foreign language' in Turkey”. Disponível em: <<http://www.hurriyetdailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=universities-experiences-courses-in-kurdish-2010-12-10>>. [Consultado: 15-2-2012]

⁵⁴ MİLLİYET, Firket Bila (2011), “Why did Kenan Evren ban Kurdish?”. Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?load=detay&newsId=246766&link=246766>. [Consultado: 15-2-2012]

⁵⁵ ANADOLU AJANSI (2011), “Erdogan says his party doesn't recognize any other language than Turkish”. Disponível em: <http://www.aa.com.tr/index.php?option=com_content&id=84955&lang=en&task=view&fontstyle=f-smaller>. [Consultado: 15-2-2012]

⁵⁶ ANADOLU AJANSI (2011), “Turkish minister says Turkey to give constitutional rights”. Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/news-232700-turkish-minister-says-turkey-to-give-constitutional-rights.html>>. [Consultado: 15-2-2012]

⁵⁷ RADİKAL, “Bina açılışında Kürtçe konuşan sadak'a para cezası”, no jornal *Radikal* de 16-8-2011.

⁵⁸ KART, Emine (2011), “Zana doesn't need an intermediary to explain herself “. Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/news-244865-zana-doesnt-need-an-intermediary-to-explain-herself.html>>. [Consultado: 16-2-2012]

⁵⁹ ZİFLİOĞLU, Vercihan (2011), “Turkey's minorities condemn 'Our Pledge' but fear speaking out”. Disponível em: <<http://www.hurriyetdailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=minorities-condemn-8216our-pledge8217-but-fear-speaking-out-2011-08-15>>. [Consultado: 16-2-2012]

⁶⁰ CENGİZ, Orhan Kemal (2011), “What do Kurds want?”. Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/columnist-239174-what-do-kurds-want.html>>. [Consultado: 16-8-2011]

⁶¹ MATSUURA, Noriko (2003), *Kurdistan wo tazunete*, Tokyo: Shinsensya, pp. 116-129.

⁶² BASKIN, Oran (2011), “The issue of “Turkish” and “Türkiyeli” (Turkey National; from Turkey)”. Disponível em:

<http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?newsId=232143>. [Consultado: 16-8-2011]

⁶³ ESAYAN, Markar (2011), "Searching for a new paradigm in dealing with the Kurdish problem". Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/columnist-233491-searching-for-a-new-paradigm-in-dealing-with-the-kurdish-problem.html>>. [Consultado: 16-8-2011]

⁶⁴ ESAYAN, Markar (2011), "Once again, 'Balıkçı' is right". Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/columnist-250614-once-again-balikci-is-right.html>>. [Consultado: 16-8-2011]

⁶⁵ MİLLİYET (2011), "DTK, demokratik özerklik ilan etti". Disponível em: <<http://siyaset.milliyet.com.tr/dtk-demokratik-ozerklik-ilan-etti/siyaset/siyasetdetay/14.07.2011/1414430/default.htm>>. [Consultado: 16-8-2011]

⁶⁶ TODAY'S ZAMAN (2011), "Eker: 'Democratic autonomy' can be discussed in Parliament". Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action;jsessionid=A88B0ABA0DFCAB19A0FD847799215A45?newsId=251388>. [Consultado: 16-8-2011]

⁶⁷ DAILY NEWS (2011), "Pro-Kurdish DTK declares 'democratic autonomy' in Turkey's southeast". Disponível em: <<http://www.hurriyetdailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=dtk-declares-democratic-sovereignty-2011-07-15>>. [Consultado: 17-8-2011]

⁶⁸ TODAY'S ZAMAN (2011), "Eker: 'Democratic autonomy' can be discussed in Parliament". Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?load=detay&newsId=251388&link=251388>. [Consultado: 20-8-2011]

⁶⁹ Hürriyet Daily News (2011), "Pro-Kurdish DTK declares 'democratic autonomy' in Turkey's southeast". Disponível em: <<http://www.hurriyetdailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=dtk-declares-democratic-sovereignty-2011-07-15>>. [Consultado: 20-2-2012]

⁷⁰ KAPUCI, Selçuk (2011), "More voices of dissent among Kurds regarding democratic autonomy". Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/news-251459-more-voices-of-dissent-among-kurds-regarding-democratic-autonomy.html>>. [Consultado: 20-2-2012]

⁷¹ HASTÜRK, Mesut (2011), "Özdemir: Kürt tarafı da üzerine düşeni yapmalı". Disponível em: <<http://www.sabah.com.tr/Gundem/2011/08/03/ozdemir-kurt-tarafi-da-uzerine-duseni-yapmali>>. [Consultado: 20-2-2012]

⁷² O sítio internet oficial de Cem Özdemir, <<http://www.ozdemir.de/en/index.html>>. [Consultado: 29-03-2012]

⁷³ KALYONCU, Mehmet (2011), "Turkey's PKK problem and the so-called Kurdish 'Mandela' – 1". Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action;jsessionid=8A0F00D9AAADAB238387E247D1021054?newsId=251547>. [Consultado: 20-8-2011]

⁷⁴ POPE, Nicole (2011), "Dark clouds in the summer sky". Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/columnist-250817-dark-clouds-in-the-summer-sky.html>>. [Consultado: 20-8-2011]

- ⁷⁵ ANADOLU AJANSI (2011), ""Kökü kazınana kadar devam!"". Disponível em: <<http://www.haberturk.com/gundem/haber/661506-koku-kazinana-kadar-devam->>. [Consultado: 21-8-2011]
- ⁷⁶ CEYHAN, Hanefi (2011), ""Konvoy' ekibindeki 1 PKK'lı daha öldürüldü"". Disponível em: <<http://www.sabah.com.tr/Gundem/2011/08/10/konvoy-ekibindeki-1-pkkli-daha-olduruldu>>. [Consultado:21-8-2011]
- ⁷⁷ CİHAN (2011), ""Akrabasına PKK kursunu"". Disponível em: <<http://www.zaman.com.tr/haber.do?haberno=1168281&title=akrabasina-pkk-kursunu>>. [Consultado: 21-8-2011]
- ⁷⁸ ANADOLU AJANSI (2011), ""Kürtler kardeşimiz PKK düşmanımız"". Disponível em: <<http://www.aa.com.tr/tr/kategoriler/politika/89481-kurtler-kardesimiz-pkk-dusmanimiz>>. [Consultado: 21-8-2011]
- ⁷⁹ TODAY'S ZAMAN (2011), ""Kürtler kardeşimiz, PKK düşmanımız"". Disponível em: <<http://zaman.com.tr/haber.do?haberno=1171780&title=kurtler-kardesimiz-pkk-dusmanimiz>>. [Consultado: 21-8-2011]
- ⁸⁰ TODAY'S ZAMAN (2011), ""Six police officers wounded as pro-PKK protestors attack with bomb, guns"". Disponível em: <<http://www.todayzaman.com/news-254645-six-police-officers-wounded-as-pro-pkk-protestors-attack-with-bomb-guns.html>>. [Consultado: 22-8-2011]
- ⁸¹ POSTA (2011), ""Jetler Kandil'i bombaladı"". Disponível em: <http://www.posta.com.tr/turkiye/HaberDetay/Jetler_Kandil_i_bombaladi.htm?ArticleID=84553>. [Consultado: 18-8-2011]
- ⁸² DEUTSCHE WELLE TÜRKÇE (2011), ""Türkiye'den Kandil'e hava operasyonu"". Disponível em: <<http://www.dw.de/dw/article/0,,15324310,00.html>>. [Consultado: 20-8-2011]
- ⁸³ REPORTERES SEM FRONTEIRAS (2011), ""Court acquits journalist who interviewed Kurdish separatist"". Disponível em: <<http://en.rsf.org/turkey-journalists-under-pressure-as-26-10-2011,41282.html>>. [Consultado: 20-2-2012]
- ⁸⁴ AJANSA NÛÇEYAN A FIRATÊ (2011), ""Human rights violation still very high in 2010"". Disponível em: <<http://en.firatnews.org/index.php?rupel=article&nuceID=2336>>. [Consultado: 3-3-2012]
- ⁸⁵ TÜRKDOĞAN, Öztürk (2011), *Current Situation of Human Rights Defenders in Turkey*, İnsan Hakları Derneği. Disponível em: <http://www.ihd.org.tr/english/index.php?option=com_content&view=article&id=677:-current-situation-of-human-rights-defenders-in-turkey-&catid=17:special-reports&Itemid=37>. [Consultado: 3-3-2012]
- ⁸⁶ DİCLE HABER AJANSI (2011), ""Today's headlines: Arrest waves, house raids and military operations continue"". Disponível em: <<http://diclenews.org/2//viewNews/255777>>. [Consultado: 3-3-2012]
- ⁸⁷ Uma organização fundada por Abdullah Öcalan.
- ⁸⁸ AJANSA NÛÇEYAN A FIRATÊ (2011), ""Turkey's human rights record remained mixed in 2010"". Disponível em: <<http://en.firatnews.org/index.php?rupel=article&nuceID=1772>>. [Consultado: 3-3-2012]

- ⁸⁹ AJANSA NÛÇEYAN A FIRATÊ (2011), "Students sentenced to prison for demanding education rights". Disponível em: <<http://en.firatnews.com/index.php?rupel=article&nuceID=2071>>. [Consultado: 3-3-2012]
- ⁹⁰ AJANSA NÛÇEYAN A FIRATÊ (2011), "World Press Freedom Day in prison for 47 journalists in Turkey". Disponível em: <<http://en.firatnews.com/index.php?rupel=article&nuceID=2110>>. [Consultado: 3-3-2012]
- ⁹¹ HUMAN RIGHTS WATCH (2010), *Protesting as a Terrorist Offense, The Arbitrary Use of Terrorism Laws to Prosecute and Incarcerate Demonstrators in Turkey*. Disponível em: <<http://www.hrw.org/sites/default/files/reports/turkey1110webwcover.pdf>>. [Consultado: 1-3-2012]
- ⁹² AZADİ, Maxime (2011), "IPI condemn Turkey for treatment of journalists". Disponível em: <<http://en.firatnews.eu/index.php?rupel=article&nuceID=3189>>. [Consultado: 3-3-2012]
- ⁹³ REPORTERES SEM FRONTEIRAS (2011), "Court acquits journalist who interviewed Kurdish separatist". Disponível em: <<http://en.rsf.org/turkey-journalists-under-pressure-as-26-10-2011,41282.html>>. [Consultado: 20-2-2012]
- ⁹⁴ OFFICIAL GAZETTE (1991), *Anti-Terror Law [Terrorlaw] Act No. 3713. Law to Fight Terrorism*. Disponível em: <<http://www.icj.org/IMG/Turkey1991law.pdf>>. [Consultado: 2-3-2012]
- ⁹⁵ AMNISTIA INTERNACIONAL (2005), "Document - Turkey: Article 301 is a threat to freedom of expression and must be repealed now!" Disponível em: <<http://www.amnesty.org/en/library/asset/EUR44/035/2005/en/7af4fffc-d47d-11dd-8743-d305bea2b2c7/eur440352005en.html>>. [Consultado: 2-3-2012]
- ⁹⁶ Idem.
- ⁹⁷ THE INTERNATIONAL FREEDOM OF EXPRESSION EXCHANGE (2006), "Writer Hrant Dink acquitted; trials against other journalists continue". Disponível em: <http://www.ifex.org/turkey/2006/02/09/writer_hrant_dink_acquitted_trials/ The International Freedom of Expression eXchange
- ⁹⁸ Idem.
- ⁹⁹ AMNISTIA INTERNACIONAL (2005), "Document - Turkey: Article 301 is a threat to freedom of expression and must be repealed now!" Disponível em: <<http://www.amnesty.org/en/library/asset/EUR44/035/2005/en/7af4fffc-d47d-11dd-8743-d305bea2b2c7/eur440352005en.html>>. [Consultado: 2-3-2012]
- ¹⁰⁰ ANADOLU AJANSI (2011), "Ajanslardan ortak deklarasyon". Disponível em: <<http://www.aa.com.tr/tr/manset/99244-ajanslardan-ortak-deklarasyon>>. [Consultado: 2-3-2012]
- ¹⁰¹ REPORTERES SEM FRONTEIRAS (2011), ""A book is not a bomb"". Disponível em: <<http://en.rsf.org/turque-a-book-is-not-a-bomb-says-fact-16-06-2011,40471.html>>. [Consultado: 2-3-2012]
- ¹⁰² AJANSA NÛÇEYAN A FIRATÊ (2011), "Turkish bombing: Seven deserted villages". Disponível em: <<http://en.firatnews.com/index.php?rupel=article&nuceID=2960>>. [Consultado: 2-3-2012]

¹⁰³ DİCLE HABER AJANSI (2011), "Over one hundred thousand signatures against the bombing of Kurdistan Region". Disponível em:<<http://www.diclehaber.com/2//viewNews/271523>>. [Consultado: 2-3-2012]

¹⁰⁴ DİCLE HABER AJANSI (2011), "One soldier dies in clashes". Disponível em:<<http://www.diclehaber.com/2//viewNews/254670>>. [Consultado: 2-3-2012]

¹⁰⁵ DİCLE HABER AJANSI (2011), "PKK announced end of unilateral ceasefire" Disponível em:<<http://diclehaber.com.tr/2/22/viewNews/244971>>. [Consultado: 2-3-2012]

¹⁰⁵ Consultado: 2-3-2012

BIBLIOGRAFIA

AJANSA NÜÇEYAN A FIRATÊ (2011), "Turkey's human rights record remained mixed in 2010". Disponível em: <<http://en.firatnews.org/index.php?rupel=article&nuceID=1772>>. [Consultado: 3-3-2012]

AKÖZ, Emre (2011), "BDP'nin tüm Kürtleri temsil etmesi imkânsız" Disponível em: <<http://www.sabah.com.tr/Yazarlar/akoz/2011/08/09/bdpnin-tum-kurtleri-temsil-etmesi-imknsiz>>. [Consultado: 10-8-2011]

ANADOLU AJANSI (2011), "Bu demokrasi değildir" Disponível em: <<http://www.aa.com.tr/tr/kategoriler/politika/89769-bu-demokrasi-degildir>>. [Consultado: 23-8-2011]

ANADOLU AJANSI (2011), "Erdogan says his party doesn't recognize any other language than Turkish". Disponível em: <http://www.aa.com.tr/index.php?option=com_content&id=84955&lang=en&task=view&fontstyle=f-smaller>. [Consultado: 15-2-2012]

ANADOLU AJANSI (2011), "Kökü kazınana kadar devam edecek". Disponível em: <<http://www.aa.com.tr/tr/kategoriler/politika/89440-koku-kazinana-kadar-devam-edecek>>. [Consultado: 20-2-2012]

ANADOLU AJANSI (2011), "Turkey's EU negotiator: Turkey has one official language" Disponível em: <<http://www.cumhuriyet.com/?hn=203514>>. [Consultado: 10-8-2011]

ANADOLU AJANSI (2011), "Turkish minister says Turkey to give constitutional rights" Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action;jsessionid=316FE06D2D1EFC1DA861892711C865CC?pageNo=663&category=100&dt=0&newsId=232700&columnistId=0>. [Consultado: 11-8-2011]

AZİZ, Namo (2000), *Kurdistan, Storia di un Popolo e della sua Lotta con un Saggio di Abdullah Ocalan*, Roma, Manifestolibri Srl..

BASKIN, Oran (2011), "The issue of "Turkish" and "Türkiyeli" (Turkey National; from Turkey)". Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?newsId=232143>. [Consultado: 16-8-2012]

BAYDAR, Yavuz (2011), "Can 'Kurdish divorce' be averted?". Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/columnist-246290-can-kurdish-divorce-be-averted.html>>. [Consultado: 15-8-2011]

BRUINESSEN, Martin Van (2000), *Transnational aspects of the Kurdish question*. Working paper, Robert Schuman Centre for Advanced Studies, European University Institute, Florence.

CENGİZ, Orhan Kemal (2011), "What do Kurds want?". Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/columnist-239174-what-do-kurds-want.html>>. [Consultado: 16-8-2011]

CENGİZ, Orhan Kemal (2011), "The racist of the year in Turkey by Orhan Kemal Cengiz". Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action;jsessionid=25A54947236682AF29CD07091B3DCDC7?newsId=233890>. [Consultado: 15-2-2012]

- CEYHAN, Hanefi (2011), "‘Konvoy’ ekibindeki 1 PKK’lı daha öldürüldü". Disponível em: <<http://www.sabah.com.tr/Gundem/2011/08/10/konvoy-ekibindeki-1-pkkli-daha-olduruldu>>. [Consultado: 21-8-2011]
- CİHAN (2011), "Akrabasına PKK Kurbanı". Disponível em: <<http://www.forumla.net/haber-arsivi/109422-akrabasina-pkk-kursunu.html?langid=1>>. [Consultado: 16-2-2012]
- CİHAN (2011), "Barzani PKK’yı uyardı: Silahlı eylemler Kürt sorunun çözümüne hizmet etmiyor" Disponível em: <<http://yurthaber.mynet.com/detay/diyarbakir-haberleri/barzani-pkkyi-uyardi-silahlı-eylemler-kurt-sorunun-cozumune-hizmet-etmiyor/36979>>. [Consultado: 10-8-2011]
- CİHAN (2011), "İnternete ses kaydı düşen Albay İsmail Ekici, Antalya’ya veda etti". Disponível em: <<http://www.turkiyegazetesi.com.tr/HaberDetay.aspx?haberid=502075>>. [Consultado: 11-8-2012]
- DİCLE HABER AJANSI (2011), "One soldier dies in clashes". Disponível em: <<http://www.diclehaber.com/2//viewNews/254670>>. [Consultado: 2-3-2012]
- DİCLE HABER AJANSI (2011), "Turkish bombing: Seven deserted villages". Disponível em: <<http://www.diclehaber.com/2//viewNews/271523>>. [Consultado: 2-3-2012]
- ESAYAN, Markar (2011), "Once again, ‘Balıkçı’ is right". Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/columnist-250614-once-again-balikci-is-right.html>>. [Consultado: 16-8-2011]
- ESAYAN, Markar (2011), "Searching for a new paradigm in dealing with the Kurdish problem" Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/columnist-233491-searching-for-a-new-paradigm-in-dealing-with-the-kurdish-problem.html>>. [Consultado: 15-8-2011]
- HASTÜRK, Mesut (2011), "Özdemir: Kürt tarafı da üzerine düşeni yapmalı". Disponível em: <<http://www.sabah.com.tr/Gundem/2011/08/03/ozdemir-kurt-tarafi-da-uzerine-duseni-yapmalı>>. [Consultado: 20-2-2012]
- HÜRRİYET DAILY NEWS (2011), "Ankara mobilizes to strengthen anti-terror fight". Disponível em: <<http://www.hurriyetdailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=ankara-mobilizes-to-strengthen-anti-terror-fight-2011-08-16>>. [Consultado: 16-2-2012]
- KALYONCU, Mehmet (2011), "Turkey’s PKK problem and the so-called Kurdish ‘Mandela’ – 1". Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action;jsessionid=8A0F00D9AAADAB238387E247D1021054?newsId=251547>. [Consultado: 20-8-2011]
- KAPUCİ, Selçuk (2011), "More voices of dissent among Kurds regarding democratic autonomy". Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/news-251459-more-voices-of-dissent-among-kurds-regarding-democratic-autonomy.html>>. [Consultado: 20-2-2012]
- KART, Emine (2011), "Zana doesn't need an intermediary to explain herself ". Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/news-244865-zana-doesnt-need-an-intermediary-to-explain-herself.html>>. [Consultado: 16-2-2012]
- KAWAKAMI, Yoichi (2003), *Kurdo jin mouhitotsu no chuutou mondai*, Tokyo, Shueisya Shinsho.
- KİRİSCİ, Kemal, e WINROW, Gareth M (1998), *The Kurdish Question and Turkey: An example of a trans-state ethnic conflict*, London, Frank Cass Publishers.

KOÇ, İlyas (2011), "Turkey says 'no' to 'otherification' based on ethnicity, survey shows". Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?newsId=234972>. [Consultado: 21-8-2011]

KOJIMA, Goichi (1991), *Toruko no mouhitotsu no kao*, Tokyo, Chuukou Shinsho.

LYNCH, Jake, e GALTUNG, Johan (2010), *Reporting Conflict: New directions in peace journalism*, St. Lucia, University of Queensland Press.

MCDOWALL, David (2010), *A Modern History of The Kurds*, London, I.B.Tauris & Co.Ltd.

MATSUURA, Noriko (2003), *Kurdistan wo tazunete*, Tokyo, Shinsensya.

MİLLİYET, Firket Bila (2011), "Why did Kenan Evren ban Kurdish?". Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?load=detay&newsId=246766&link=246766>. [Consultado: 15-2-2012]

POPE, Nicole (2011), "Dark clouds in the summer sky". Disponível em: <<http://www.todayszaman.com/columnist-250817-dark-clouds-in-the-summer-sky.html>>. [Consultado: 20-8-2011]

RADİKAL (2011), "İngiltere'den PKK'ya yasak" Disponível em: <<http://www.radikal.com.tr/Radikal.aspx?aType=RadikalDetayV3&ArticleID=1060280&CategoryID=79>>. [Consultado: 10-8-2011]

SABAH (2011), "Kurd boycott to put Turkey's parliament in spin" Disponível em: <<http://english.sabah.com.tr/National/2011/06/28/kurd-boycott-to-put-turkeys-parliament-in-spin>>. [Consultado: 10-8-2011]

ŞİMŞEK, Abdurrahman (2011), "İşte Kandil'in paravan bankası". Disponível em: <<http://www.sabah.com.tr/Gundem/2011/08/13/iste-kandilin-paravan-bankasi>>. [Consultado: 16-2-2012]

THE ECONOMIST (2011), *A dangerous place to be a journalist*, na revista de 12-3-2011.

THE ECONOMIST (2010), *Anchors aweigh*, na revista de 23-10-2010.

THE ECONOMIST (2011), *Controversial Turkish television, Magnificent no more*, na revista de 29-1-2011.

THE ECONOMIST (2011), *Turkey and its Kurds, South by south-east*, na revista de 16-4-2011.

THE ECONOMIST (2010), *Turkey and press freedom, Publish and be damned*, na revista de 13-11-2010.

THE ECONOMIST (2011), *Two vast and ugly blocks of stone*, na revista de 15-1-2011.

TODAY'S ZAMAN (2011), "CHP banners in Zaza removed ahead of party rally in Tunceli". Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?load=detay&newsId=244507&link=24445>. [Consultado: 11-8-2012]

TODAY'S ZAMAN (2011), "Eker: 'Democratic autonomy' can be discussed in Parliament". Disponível em: <http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action;jsessionid=A88B0ABA0DFCAB19A0FD847799215A45?newsId=251388>. [Consultado: 16-8-2011]

TODAY'S ZAMAN (2011), "Ex-minister Ensarioğlu: BDP does not represent all Kurds" Disponível em: < <http://www.todayszaman.com/news-232544-ex-minister-ensarioglu-bdp-does-not-represent-all-kurds.html>>. [Consultado: 10-8-2011]

TODAY'S ZAMAN (2011), "Mother lambastes Kurdish deputy who slapped her son". Disponível em: < http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?newsId=239062>. [Consultado: 16-2-2012]

TODAY'S ZAMAN (2011), "'PKK should not use cease-fires as negotiation tool'". Disponível em: < http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?load=detay&newsId=241399&link=241399>. [Consultado: 16-2-2012]

TODAY'S ZAMAN (2011), "Six police officers wounded as pro-PKK protestors attack with bomb, guns". Disponível em: < <http://www.todayszaman.com/news-254645-six-police-officers-wounded-as-pro-pkk-protestors-attack-with-bomb-guns.html>>. [Consultado: 16-2-2012]

TODAY'S ZAMAN (2011), "Why did Kenan Evren ban Kurdish?" Disponível em: < http://www.todayszaman.com/newsDetail_getNewsById.action?newsId=237559>. [Consultado: 10-8-2011]

Yael Navaro, Yasin (2002), *Faces of the State: Secularism and public life in Turkey*, New Jersey, Princeton University Press.

ZİFLİOĞLU, Vercihan (2011), "Turkey's minorities condemn 'Our Pledge' but fear speaking out". Disponível em: <<http://www.hurriyetdailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=minorities-condemn-8216our-pledge8217-but-fear-speaking-out-2011-08-15>>. [Consultado:16-2-2012]

GLOSSÁRIO

Alevi: Uma seita religiosa. A minoria na Turquia.

Anatólia: Uma região leste da Turquia.

BDP: Partido para a Paz e da Democratia.

Curmânji: Uma das línguas curdas falada na Turquia.

Kemalista: Uma ideologia de Kemal Atatürk, fundador da República da Turquia. Aponta um país laico, democrático e moderno.

Partido AK: Partido da Justiça e Desenvolvimento, o partido do primeiro-ministro actual.

PKK: Partido dos Trabalhadores do Curdistão.

Sorâni: Uma das línguas curdas falada na Turquia

Tratado de Sèvres: Um acordo concluído entre o império Otoman e os Aliados Europeus em 1920.

TRT: Turquia Rádio Televisão (*Türkiye Radyo Televizyon*), a televisão nacional.

Zaza: Uma etnia que vive na região da Anatólia na Turquia.

LISTA DE FIGURAS

- Figura1. Distribuição da população Curda por região (Fonte: *KONDA*, 2010).....P.13.
- Figura 2. Taxa de analfabetismo previsto no futuro (Fonte: *ADNKS*, 2009).....P.13.
- Figura 3. Os cartazes preparados para o líder de CHP em Turco e na língua Zaza
(Fonte, *Today's Zaman*, 2011).....P.24.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1. Rendimento individual por mês (Fonte: *KONDA*, 2011).....P.14.
- Tabela 2. As perguntas e respostas dos 3 jornais na sondagem sobre as questões Curdas...P.29.
- Tabela 3. O somatório das vítimas da liberdade de expressão na Turquia em 2010
(Fonte: *Insan Hakları Derneği*, 2010).....P.52.